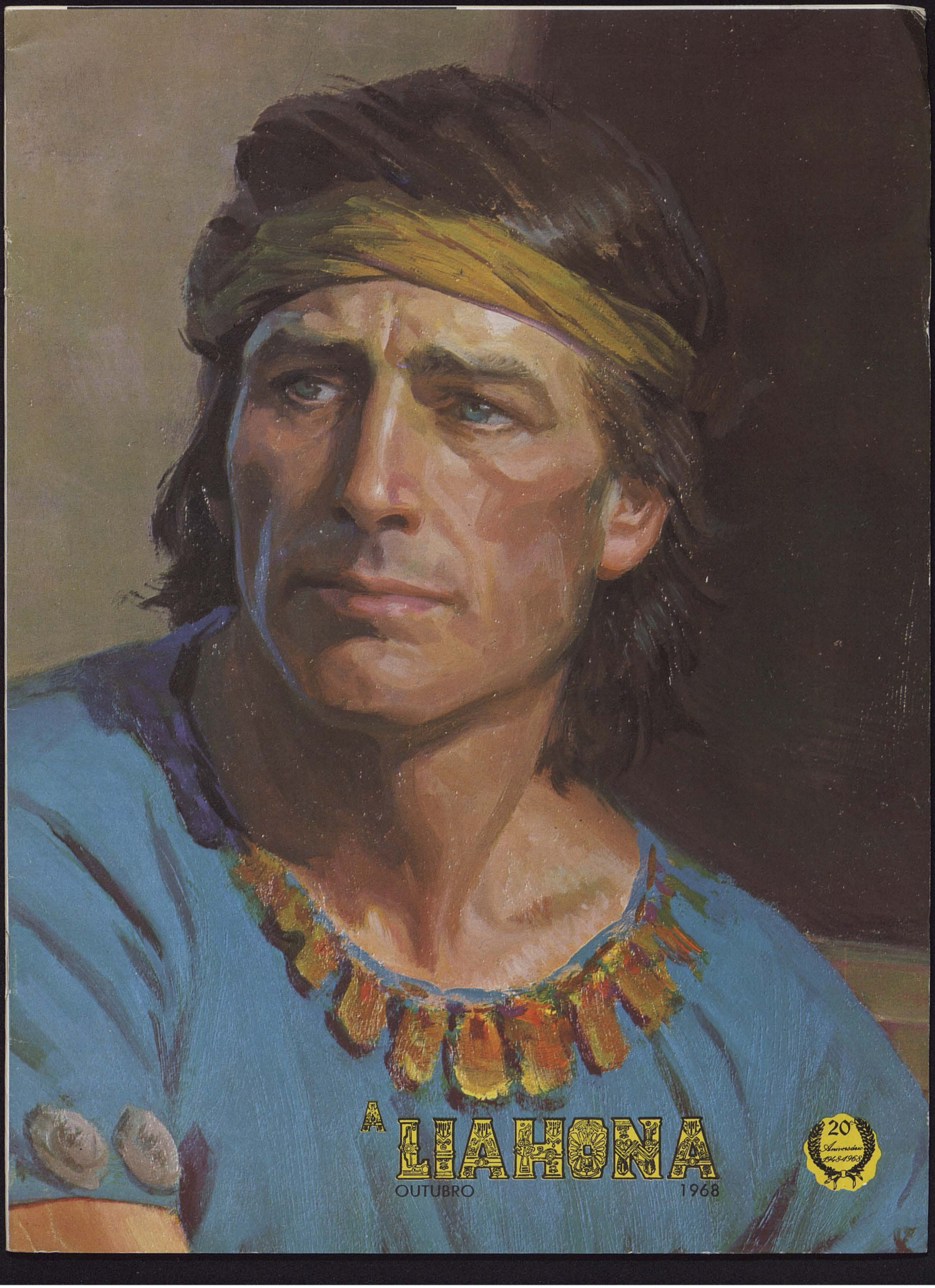
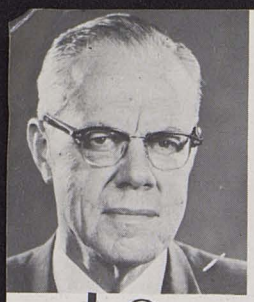

A LIAHONA
OUTUBRO 1968
20 Aniversário 1948-1968



Mensagem de Inspiração

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Queremos dizer aos jovens e, na verdade, a tôdas as pessoas: Não existem atalhos para se alcançar a salvação, o aperfeiçoamento e a exaltação — como não existem atalhos para se obter a paz e respeito próprio. Quem quer que você seja e onde quer que esteja: não desperdice a vida. Ela é tudo o que você tem. Estude, aprenda, prepare-se e guarde a lei; respeite-se a si mesmo. "Cessai de ser ociosos; cessai de ser impuros..." (D. & C. 88:124.) Cumpra os mandamentos; viva e trabalhe para se aperfeiçoar, para se realizar e ficar em paz com sua consciência.

Esta época não é para desânimos. É uma época de aprendizado e instrução, de trabalho e desenvolvimento, para se ampliar a capacidade e as qualificações pessoais. A vida aqui é tão curta e a eternidade tão infinitamente longa! Por isso dizemos a jovens e velhos, aos ansiosos e impacientes, aos cansados e a qualquer um que se sinta desorientado no caminho: guarde a fé. Continue prestando serviços, trabalhando, progredindo, arrependendo-se, sobrepujando. Retire coragem e alento da certeza de que há um plano e um propósito divinos. Nunca é tarde demais para principiar a fazer o que se deve. Deus nos não deu nenhum requisito, nenhum mandamento que não possamos seguir.

Neste Número

Mensagem de Inspiração Richard L. Evans 2
Os Verdadeiros Valores da Vida David O. McKay 3
O Legado de Vovô Evelyn Witler 4
O Bispo Victor Brown 5
Religião e Responsabilidade Social Lowell L. Bennion 7
Explosão Populacional Spencer W. Kimball 9
Influências Culturais e Espirituais da Bíblia Robert J. Matthews 10
Mórmon Marion D. Hanks 12
A Última Palavra Humor 13
O Bispado Presidente Fala aos Pais John H. Vandenberg 14
Um Despertar Linda Ladd 16
A Magia do Esquecer Sylvia Probst Young 17
Ensinar é Mais do que Falar Lyman C. Bennett 18
Poderia Acontecer a Qualquer Um Mary Kenworthy 20
O Fogo de Ourives Marion Bench 21
O Mundo Espiritual Genealogia 23
O Velho Pescador Mary Bartels 25
Recursos Áudio-Visuais Victor Hugo da Costa Pires 26
Vinho Nôvo e Vinho Velho Hélio da Rocha Camargo 27
William J. Critchlow Faleceu Notícia 29
Conferência F. Máximo 30
Atleta do Ano F. Máximo 31
Ocupando-se em Ouvir Richard L. Evans 32

Capa

Detalhe de uma tela de Thomas Lowell, mostrando o profeta Mórmon na concepção do artista. Uma reprodução transparente, iluminada por trás, da tela completa, será exposta no pavilhão Mórmon da Feira de San Antonio, Texas: a HemisFair.

Vol. 21-Outubro de 1968-Número 10

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo
Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo SP, CP 862, Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flôres, 105 - 14.º
CP. 3081 - Porto Alegre - RGS

Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Fotolitos: Lastri S/A, R. da Independência, 362/382. Impresso nas oficinas da **Litográfica Comercial**, R. da Independência, 213 São Paulo, SP

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: *Departamento de Assinaturas*, Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr$ 5,00; para o Exterior, simples: US$ 3,00; para o Exterior, via aérea: US$ 7,00. Preço do Exemplar avulso em nossa Agência: NCr$ 0,50; exemplar atrasado NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Importante
Tôda a correspondência deve ser endereçada a
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
Caixa Postal 19079, São Paulo, SP

Os Verdadeiros Valores da Vida

Discurso de encerramento da 138.ª Conferência Geral.

Presidente David O. McKay

De todo o coração insto os membros da Igreja e os povos de tôdas as partes a pensar mais no Evangelho; no desenvolvimento do espírito; a devotar mais tempo às coisas reais da vida e menos às coisas transitórias.

Estou inteiramente de acôrdo com os conselhos dados durante esta conferência, de se resistir às muitas tentações de nossa sociedade. Se os membros da Igreja aceitarem essas sugestões, apenas isto bastará para fazer dêste povo uma "luz" sôbre os montes — uma luz que não poderá ser escondida. Por vêzes consideramos êsses ensinamentos como de pequena monta, mas na verdade são as maiores coisas da vida. Se déssemos mais atenção a êsses conselhos e nos devotássemos mais ao estudo das revelações modernas contidas em Doutrina e Convênios, teríamos melhor compreensão da magnitude da grande obra que foi estabelecida nesta dispensação.

Afirma-se com freqüência que a Igreja é a maior coisa do mundo. E ela realmente é! Quanto mais atenção lhe damos — verificando como se adapta à nossa vida individual, familiar e social — quanto mais a analisamos em confronto com as descobertas científicas, do ponto de vista do destino do homem, tanto mais se rejubilam nossos corações com a bondade de Deus, ao nos dar o privilégio de conhecer o Evangelho de Jesus Cristo.

Necessitamos hoje de ter fé no Cristo vivo, o que representa mais que um mero sentimento, pois é uma verdadeira fôrça que impele à ação — necessitamos de uma fé que dê propósito à vida e alento ao coração. Precisamos do Evangelho da ação — um Evangelho pregado por atos nobres, que demandem a atenção e o respeito dos próprios inimigos. A mera crença em Jesus como um grande mestre, ou mesmo como o maior homem que jamais existiu, não basta para combater os males da sociedade e do mundo.

É evidente que a necessidade do mundo — particularmente à luz das condições que nos rodeiam — abrange mais que uma mera aceitação de Jesus da Galiléia como o maior de todos os homens. O que é realmente essencial é ter fé nêle como um ser divino — como nosso Senhor e Salvador! Foi êsse tipo de fé que o apóstolo Pedro experimentou ao declarar: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". (Mat. 16:16.)

Os membros da Igreja são instados a procurar a verdade pelo estudo, fé e oração, e a buscar tudo o que é "virtuoso, amável ou louvável". (13.ª Regra de Fé.)

As escolas e igrejas devem demonstrar o fato de que existem na vida certos fundamentos que nunca se alteram, que são essenciais à felicidade de tôda a alma humana. Os pais e oficiais da Igreja devem pregar mais zelosa e diligentemente os princípios da vida e da salvação aos jovens de Sião e do mundo, a fim de ajudá-los a manter o necessário equilíbrio no período de formação de suas vidas.

Admoesto-os, homens que possuem o Santo Sacerdócio, a examinar novamente aquela revelação divina tão simples, mas poderosa, que fala do exercício da autoridade no Sacerdócio:

"Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do Sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

"Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.

"Reprovando às vêzes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e, depois, mostrando um amor maior por aquêle que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo". (D. & C. 121:41-43.)

Esta é uma lição maravilhosa para o exercício da autoridade, não apenas nos quoruns do Sacerdócio mas também na vida familiar e, na verdade, em todos os aspectos das relações sociais.

Irmãos, o Evangelho é nossa âncora. Sabemos o que êle representa. Se o praticarmos e sentirmos, se falarmos bem dêle, do Sacerdócio, de nossas famílias e vizinhos, sentir-nos-emos mais felizes e, na verdade, estaremos pregando o Evangelho de Jesus Cristo. Recebemos essa responsabilidade de transmití-lo a nossos semelhantes. Alguns ficam à espera de que apareça uma oportunidade especial

para isso, mas cada um de nós tem sôbre si a responsabilidade de proclamar suas boas novas todos os dias. Pregamo-lo através de nossos atos — no lar, no trabalho, nos círculos sociais, na política; na verdade, em todos os lugares onde nos relacionamos com os homens temos a responsabilidade de transmitir suas boas novas.

Refreemos nossos pensamentos e nossa língua: uma das melhores formas de se construir um lar, uma cidade, um estado ou uma nação é falar sempre bem dêle. Que nossas línguas estejam sob permanente contrôle.

Deus abençôe os membros desta Igreja por sua devoção e lealdade, por suas orações em intenção de tôdas as Autoridades Gerais e oficiais. Podem estar certos de que essas orações são atendidas.

Testifico-lhes, e a todo o mundo, que a inspiração e os cuidados do bondoso Pai Celestial são constantes. Êle está presente na Igreja e digo-lhes de todo o coração que não é apenas uma fôrça distante, ausente, como alguns podem julgar. É um Pai extremoso, zeloso do bem-estar de seus filhos e pronto a ouvir e atender seus chamados. Sua resposta pode ser negativa, como por vêzes um pai sensato dá a seus filhos, mas está sempre pronto a ouvir e conceder a graça na ocasião mais oportuna para cada pessoa.

Deus abençôe nossos missionários distribuídos pelas 78 missões mundiais da Igreja. São rapazes e moças esplêndidas, com testemunhos vigorosos do Evangelho, cheios de fé, excelentes representantes do Senhor e de sua Igreja. Estamos orgulhosos dêles. Somos gratos aos presidentes de missões e a êsses missionários por seu serviço voluntário e eficiente. Somos gratos, também, aos pais e demais membros que sustentam êsses missionários.

Palavras não podem expressar a dor e o pesar que sentimos pelos sofrimentos que se abateram sôbre alguns lares com as desgraças da guerra. Nossas orações estão constantemente com êsses rapazes que oferecem o melhor de si pela liberdade e direitos humanos. Meu coração fica cheio de gratidão ao ouvir relatos em primeira mão de sua fé em Deus, de sua lealdade e das longas distâncias que percorrem para assistir reuniões da Igreja. Pensem no que representa para êles a certeza em Cristo, seu Redentor, enquanto atravessam as tentações, vicissitudes e horrores da guerra! Ela lhes dá confôrto nos momentos de saudade e desânimo; torna-os mais seguros na determinação de manter-se moralmente puros e preparados para a obra; dá-lhes coragem no cumprimento do dever; traz esperança quando estão doentes ou feridos e, quando têm de enfrentar o inevitável, essa certeza enche suas almas de paz e confiança de que, assim como Cristo viveu após a morte, êles também haverão de viver. Que Deus abençôe e proteja êsses rapazes das Fôrças Armadas.

Deus os abençôe também, representantes regionais, presidentes de estacas, bispos e todos os oficiais da Igreja que estão servindo e dedicando seu tempo e meios para a edificação do reino de Deus.

Que os pais e mães sejam abençoados em seus lares; que busquem sabedoria e compreensão, para legar a seus filhos saúde e um caráter imaculado. O maior dever dos pais é o treinamento religioso e o desenvolvimento do caráter de seus filhos.

Que Deus esteja com cada um de vocês e tôdas as pessoas de tôdas as partes. Voltemo-nos para Êle em busca de valôres melhores e mais espirituais na vida. Êle é nosso Pai; conhece nossos anseios e esperanças; e nos ajudará se tão sòmente o buscarmos e seguirmos seus conselhos.

Minhas bênçãos os acompanhem ao retornarem a seus lares. Que Deus nos ajude a cumprir nosso dever, criando no lar, na escola, na Igreja e em nossas comunidades um ambiente estimulante, elevado e inspirador, eu rogo em nome de Jesus Cristo. Amém.

O LEGADO DE VOVÔ

Evelyn Witter

Quando vovô faleceu, deixou-me uma pequena soma em dinheiro. É claro que o dinheiro foi de bom proveito, mas não me lembro exatamente para que serviu. Recordo-me apenas de que foi incluído no fundo familiar e utilizado oportunamente, na medida das necessidades.

No entanto, lembro-me perfeitamente dos benefícios que advieram de uma carta encontrada na caixa forte com meu nome no sobrescrito. Naquela carta, redigida com caligrafia caprichada, vovô registrou sua filosofia de vida.

De permeio com frases pessoais êle escreveu:

Aquilo que a Igreja faz por você dá uma boa medida do que você faz por ela.

Cristão, quando alguém lhe perguntar qual foi o seu melhor dia, responda — "amanhã".

Você pode passar um hinário a alguém como quem faz um ato de cortesia, ou pode converter essa pequena atenção num genuíno convite a Cristo.

Em seu trabalho na Igreja, lembre-se de que uma boa reunião é aquela que é dirigida por qualquer um, partilhada por todos, que não é monopolizada por ninguém e na qual todo o mundo é alguém.

A melhor forma de fazer com que Cristo venha à sua igreja é trazê-lo consigo.

Como Paulo disse: "Esta coisa farei", muitas pessoas julgam-se sábias apegando-se a uma só forma de trabalho cristão. Lecionar na Escola Dominical, cuidar de um comitê, fazer coleta — qualquer coisa os contenta. Mas aquela "coisa" mencionada por Paulo era tão complexa como a obra dos que constróem uma cidade. Incluía oratória, entrevistas, oração, cartas, debates, viagens, organizações, cadeias, escárnio, censuras, louvores. Como se vê, êsse texto não é muito conveniente para os preguiçosos citarem!

A melhor maneira de livrar-se de uma obrigação é cumprí-la.

O Bispo

VICTOR L. BROWN
do Bispado Presidente

Na fileira central dêste histórico Tabernáculo senta-se um grupo de homens provenientes de muitas partes do mundo. Todos possuem responsabilidades que os distinguem das demais pessoas. Quase todos os fins de semana estamos em contato com os bispos da Igreja em suas estacas, mas hoje temos o privilégio de vê-los reunidos em conferência geral. Sentimos o maior amor e respeito por êsses homens e somos gratos pela grande obra que estão executando.

Antes de me tornar bispo, conhecia bem pouco sôbre as responsabilidades inerentes a êste cargo. E julgo que talvez outros membros da Igreja também estejam pouco informados sôbre o assunto. O bispo é, ou deveria ser, uma das pessoas mais importantes na vida de cada membro da Igreja. E, se êle é importante para nós, devemos ser importantes para êle. Rogo a Deus que minhas palavras possam aproximar mais os bispos de seus membros e, principalmente, os membros de seus bispos.

Para compreender o bispo, devemos conhecer um pouco suas responsabilidades. São muitas. O tempo é limitado, portanto, analisaremos agora apenas algumas. Primeiramente consideraremos duas de suas responsabilidades temporais — o cuidado dos necessitados e as finanças.

Freqüentemente ouvimos dizer que através do Plano de Bem-estar a Igreja cuida dos seus. O bispo representa papel importante na ministração dêsse programa. Êle, e só êle, determina quem receberá assistência, de que forma e quanto, no que é auxiliado pela presidente da Sociedade de Socorro.

Executa essa tarefa com espírito de amor, bondade e compreensão. Um de seus principais objetivos é auxiliar as pessoas a manter seu respeito próprio e dignidade. E sua atuação baseia-se em certos princípios.

O primeiro princípio é de que se espera que nós, como membros da Igreja, ganhemos nosso próprio sustento e sejamos independentes. Somos ensinados a manter um suprimento de um ano armazenado em casa, para dificuldades mais sérias. E, se circunstâncias tais como acidentes ou doenças graves nos levarem a necessitar de ajuda, devemos procurar em primeiro lugar nossos familiares. Se êles não nos puderem ajudar, apenas então deveremos recorrer ao bispo.

Após investigação cuidadosa e pessoal, o bispo decide se a Igreja deve ou não prestar assistência. Se concluir que sim, essa assistência se restringirá às necessidades imediatas da vida, e apenas na medida do necessário para recolocar a família em condições de viver por seus próprios meios. O bispo não nos deve socorrer em maus negócios.

Quando recebemos assistência, êle espera que ofereçamos nosso trabalho em troca, se fôrmos fisicamente capazes. Seu propósito com isto é ajudar-nos a manter nosso respeito próprio, não recebendo esmolas. Francamente, para êle às vêzes seria muito mais fácil dar uma esmola. Mas o bispo sabe que isso é um mal e seu desejo é abençoar-nos através dêsse programa, não enfraquecer-nos.

Existem muitos outros pontos a se considerar no Plano de Bem-estar, tais como ofertas de jejum, levantamento de fundos, orçamentos etc. Como membros da Igreja, é nossa responsabilidade dar apoio ao bispo e seu comitê de bem-estar em todos os projetos do plano. E em determinadas áreas espera-se ainda que o apoiemos de outras maneiras estabelecidas.

Agora as finanças: O bispo deve apelar para os membros de sua ala, a fim de obter as contribuições necessárias para resolver questões de administração.

Uma das dificuldades que alguns bispos encontram é coletar fundos para o orçamento da ala. São fundos necessários para custear as Organizações Auxiliares e atender à manutenção da capela. Nós, como membros da ala, podemos prestar auxílio inestimável ao bispo atendendo seus apelos de ajuda financeira. O Senhor prometeu que abriria as janelas dos céus e derramaria bênçãos sem medida sôbre nós, se pagássemos nossos dízimos e ofertas.

O bispo sabe que todos os fundos por êle coletados são sagrados e representam ofertas voluntárias. Através de nossa boa vontade, podemos aliviar um pouco sua carga.

Até aqui temos analisado apenas questões temporais. Examinaremos, agora, algumas responsabilidades espirituais do bispo.

Através de revelação do Senhor, êle preside o quorum do Sacerdócio. E, juntamente com seus conselheiros, constituem a presidência do Sacerdócio Aarônico da ala. O bispo dá sempre a última palavra em tôdas as questões relativas aos jovens, tanto rapazes como môças. Para tanto, recebe ajuda de seus conselheiros, mestres familiares, secretários, oficiais das Auxiliares e professôres; mas é sempre sua a última palavra em tudo o que se faz.

Quero dizer aos jovens o seguinte: o bispo foi chamado por inspiração de nosso Pai celestial para ser seu conselheiro espiritual. Foi designado como um juiz geral pelo Senhor. Tem uma bênção especial, dando-lhe poder de discernimento e compreensão. É a êle que nós devemos dirigir para confessar nossos pecados. E isto precisa ser feito, se desejamos arrepender-nos plenamente. O bispo reconhece que só deve julgar através das bênçãos do Senhor e, a menos que seja um juiz justo, será réu de condenação, pois lemos nas Escrituras:

"Que os direitos do Sacerdócio são inseparàvelmente ligados aos podêres dos céus, e que os podêres dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão.

"É certo que êsse poder pode ser conferido sôbre nós; mas, quando tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer contrôle ou domínio ou coação sôbre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magôa; e, quando se afasta, amém para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem." (D. & C. 121:36-37.)

O bispo é invariàvelmente contrário ao pecado e a qualquer tipo de falsidade; mas ao mesmo tempo tem uma grande compreensão e perdão para o pecador. Conhece bem os problemas da vida e está ansioso por estender a mão, particularmente aos que estão em dificuldades. Êle pode ajudá-lo de muitas formas, se você tão sòmente lhe der a oportunidade. E o que quer que lhe revele será mantido em estrita confiança. Quero incentivá-los a permitir que seu bispo os aconselhe com sua sabedoria. Aproximem-se dêle, que nunca estará ocupado demais para ajudá-los.

O bispo possui outra responsabilidade espiritual básica que abrange tôdas as demais — é o pai espiritual da ala, o sumo sacerdote presidente. Através disso, sua responsabilidade se estende a todos os membros.

Para assistí-lo nesse trabalho, possui todo um grupo de ajudantes. São os mestres familiares. É obrigação dos possuidores do Sacerdócio darem o apoio de que êle necessita. E, se executarem devotadamente suas incumbências, aliviarão bastante a carga que pesa sôbre os ombros do bispo. O mestre familiar é, na realidade, um assistente do bispo — seu elemento de ligação com as famílias. Certo bispo comentou que um dos maiores cumprimentos que já recebeu foi uma família ter chamado seu mestre familiar em primeiro lugar, numa doença. O presidente McKay também afirmou que, se os mestres familiares cumprissem sua obrigação, seriam os primeiros a ser chamados em caso de morte na família, e não o bispo. Desejo incentivar todos os mestres familiares a compreenderem esta responsabilidade e cumprirem seu dever como assistentes do bispo.

Sendo o pai da ala, o bispo conta ainda com muitos outros auxiliares. Todo o oficial e professor tem essa função. E nós, como membros, temos responsabilidade de atender aos seus chamados. Êle deve poder confiar que cumpriremos nossas obrigações. Precisa da ajuda de todos nós. Com ela, não apenas a obra do Senhor progride, mas também nós, individualmente, somos abençoados com um tipo de felicidade que não pode ser obtida em nenhuma outra fonte, porque damos prova de nosso amor pelo Pai Celestial; pois as Escrituras dizem: "...quando estais a serviço de vosso próximo, estais sòmente a serviço de vosso Deus". (Mosía 2:17.)

E quem é êsse bispo de quem temos falado? Pode ser o vizinho do lado; filho de amigos íntimos; pode ser aquêle garôto ruidoso que era seu aluno na Escola Dominical poucos anos atrás — lembra-se? Aquêle que você bem gostaria de ver pelas costas.

Quase sempre é casado, em geral pai e invariàvelmente alguém que luta pelo seu pão. Enfrenta todos os problemas que você e eu temos. Possui suas falhas e fraquezas humanas, seus gostos e aversões, talvez até algumas manias. Sim, êle é um ser humano — uma pessoa especial devido a seu chamado, com uma bênção especial. Eis aqui o que o Senhor disse que êle deve ser: "É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, espôso de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar;

"Não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento;

"e que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito;

"(pois se alguém não sabe governar a própria casa como cuidará da igreja de Deus?";

"não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo". (1 Tim. 3:2-6.)

Êsse homem, seu bispo, não pediu o cargo que ocupa; nem mesmo se ofereceu para êle. Muito provàvelmente aceitou o chamado com temor e tremor e, apesar disso, com a fé e o desejo de aperfeiçoar-se para ser digno daquilo que o Senhor espera dêle.

Sua espôsa, leal e fiel, e seus filhos também concordaram em partilhar de sua responsabilidade, não se queixando quando êle fica fora durante muito tempo, mantendo o bom humor quando o telefone toca invariàvelmente durante o jantar ou às três horas da manhã e dispondo-se a assumir algumas das responsabilidades que normalmente pertencem ao marido e pai.

Que as melhores bênçãos do Pai se derramem sôbre êsses extraordinários e devotados bispos, sôbre suas espôsas e filhos; e que nós, membros de suas alas, aceitemos sua liderança, ainda que alguns pareçam jovens demais e apesar de não serem quem escolheríamos para êsse cargo se dependesse de nós.

Presto-lhes meu testemunho de que esta é a Igreja de Jesus Cristo, que os bispos desta Igreja foram chamados por nosso Pai Celestial através da inspiração conferida aos que presidem sôbre nós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Religião e Responsabilidade Social

Lowell L. Bennion

Com que me apresentarei ao Senhor e me inclinarei ante o Deus excelso?... (Miquéias 6:6.)

Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar? (Salmo 24:3.)

Esta é a pergunta crucial, formulada vêzes sem conta nas Escrituras por profetas, salmista e pessoas que procuravam sinceràmente o caminho de Deus. E a resposta não é uma só; pode ser expressada de várias maneiras. Cada um pode encontrar uma passagem da Escritura para justificar sua própria atitude. Mas qualquer que seja a resposta, continua existindo essa pergunta fundamental para todos os homens: **Com que me apresentarei ao Senhor?** Em que consiste a vida religiosa?

DIMENSÕES DA VIDA RELIGIOSA

Tôda pessoa que se considera religiosa tem alguma base para sua crença e sentimentos. É religiosa devido suas convicções e seu modo de vida. Pesquisar as formas típicas pelas quais os homens praticam a religião, analisar as normas de vida e raciocínio pelos quais se asseguram de que são religiosos é muito interessante.

Existem pelo menos cinco formas de as pessoas praticarem religião. A vida de todos nós pode ser enquadrada em alguma combinação delas. Inicialmente, essas formas serão aqui descritas sem tentativa de avaliação, até que tôdas estejam expostas diante de nós.

(1) Um homem é religioso porque acalenta certas crenças que julga serem verdadeiras. Por exemplo, os santos dos últimos dias crêem na restauração do Evangelho, nas Regras de Fé, na orientação divina, na existência de um profeta vivo e em outras doutrinas características de seu credo. A crença é um alicerce da vida religiosa.

(2) O homem tende a identificar sua vida religiosa com o conhecimento de suas crenças. Sente por exemplo que é religioso no campo missionário, quando aprende as Escrituras e estuda os preceitos de sua fé. Conhecer a doutrina contribui para que uma pessoa se assegure de que é religiosa.

(3) Uma terceira forma de religiosidade é a participação na Igreja. Para os santos dos últimos dias isto é fácil de fazer e muitos são generosamente abençoados. Existem miríades de formas pelas quais uma pessoa pode adorar ao Senhor, servir ao próximo, partilhar dos dons do Evangelho e edificar o reino de Deus com as mãos, coração, mente e alma, na instituição que conhecemos como Igreja de Jesus Cristo.

(4) Uma quarta forma de se ser religioso é entrar em contato com a Divindade — com o Pai, Filho e Espírito Santo. A isto denominamos vida espiritual. O homem é religioso nesses momentos, enquanto sente gratidão, humildade, deslumbramento, reverência, devoção, confiança e amor para com Deus. Êsses sentimentos são ilustrados nos Salmos:

"...O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei mêdo?" (Salmo 27:1.)

"O Senhor é o meu pastor: nada me faltará. (Salmo 23:1.)

"Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra.

"Ainda que a minha carne e o meu coração desfalecem, Deus é a fortaleza do meu coração". (Salmo 73: 25, 26.)

"Para onde me ausentarei do teu Espírito? para onde fugirei da tua face?

"Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha casa no mais profundo abismo, lá estas também;

"se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares:

"ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá". (Salmo 139:7-10.)

(5) A quinta facêta da religião expressa-se nas relações do indivíduo com os semelhantes. Em nossa fé judaico-cristã, uma pessoa pratica a religião obrando com justiça e misericórdia para com os homens.

"Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a êles"; (Mateus 7:12.)

"A religião pura e sem mácula, para com nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo." (Tiago 1:27.)

"...Amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Mateus 22:39.)

AVALIAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

Tôdas essas cinco formas de se ser religioso são legítimas. Uma pessoa religiosa tem crenças que motivam e orientam sua vida. E um estudo dessas crenças deve enaltecer e aprofundar seu significado. Na Igreja recebe instrução, partilha dos dons e bênçãos do Evangelho e inspira seus irmãos. E seguramente a fé em Deus e a consideração pelo próximo são formas fundamentais de sua prática da religião.

Nas grandes definições de vida religiosa, dá-se especial ênfase às duas últimas formas mencionadas. Por exemplo, no decálogo, os primeiros quatro mandamentos dizem respeito às nossas relações com Deus e os últimos seis as relações com o próximo. A própria resposta de Miquéias à pergunta: "Com que me apresentarei ao Senhor"? ressalta êsses dois aspectos:

"Êle te declarou, ó homem, o que é bom; e que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus"? (Miquéias 6:8.)

Jesus também respondeu essa pergunta com o mesmo espírito: "Mestre, qual é o grande mandamento da lei?"

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Êste é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante

a êste, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos dependem tôda a lei e os profetas". (Mateus 22:36-40.)

Por essas declarações deduz-se que crença, conhecimento religioso e participação na Igreja têm pouco valor em si. Para serem proveitosos, devem levar o indivíduo a amar a Deus e aos homens. Tiago sabia disso:

"Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem, e tremem". (Tiago 2:19.)

E Paulo conhecia as limitações do conhecimento sem amor:

"Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e tôda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei... Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte; ...Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, êstes três: porém o maior dêstes é o amor. (I Coríntios 13:2, 12, 13.)

A religião profética principia com uma revelação ao seu fundador, o que o leva a agir em benefício de seus semelhantes. Moisés, diante da sarça ardente, descobriu que se achava em solo sagrado e que Deus o havia chamado porque atentara para as aflições de Israel, Jesus passou quarenta dias no deserto resistindo à tentação e sendo fortalecido por seu Pai. Depois "saiu a praticar o bem". O apóstolo Paulo teve um encontro com Cristo que modificou sua atitude para com pagãos e cristãos. Joseph Smith foi visitado pelo Pai e o Filho, ao que se seguiu a restauração do Evangelho, com seu grande empenho na promoção da "imortalidade e vida eterna do homem". A religião principia com uma mensagem de Deus que leva o profeta a agir em benefício de seus semelhantes.

Ao serem institucionalizadas as religiões, a mensagem divina original é muitas vêzes deturpada por interêsses humanos. E a preocupação fundamental com Deus e os homens tende a ser substituída por questões estatutárias, ritos, cerimônias e regulamentos. Isto foi ilustrado vigorosa e poèticamente nos escritos de Amós, Oséias, Miquéias, Isaías e Jeremias. Em seus dias, o povo escolhido de Jeová praticava tôdas as formas aparentes de religião, no local e tempo determinados, e enquanto isso procedia levianamente nos negócios, vendendo os pobres como escravos por qualquer ninharia, falsificando pesos e medidas, misturando impurezas no trigo, oprimindo viúvas e órfãos, subornando juízes, bebendo "vinho em taças" e ungindo-se "com o mais excelente óleo", sem atentar para a "ruína de José" — seus irmãos israelitas. (Amós 6:6)

Ninguém mais verberou com tanto vigor a futilidade, o vazio e a hipocrisia de dar louvores e honras a Deus através duma religião formalizada, enquanto, por outro lado, ignora e transgride as obrigações morais para com seu próximo, como os antigos profetas de Israel. Amós declarou em nome de Jeová:

"Aborreço, desprezo as vossas festas, e com as vossas assembléias solenes não tenho nenhum prazer.

"E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não me agradarei dêles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados.

"Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas liras.

"Antes corra o juízo como as águas e a justiça como ribeiro perene. (Amós 5:21-24)

Esta é a essência da mensagem profética que se repete como o tema musical numa sinfonia. Deus é moral por natureza, é uma pessoa íntegra e compassiva, e nenhum homem poderá ser aceito por tal ser, a menos que pratique a integridade e a misericórdia em suas relações com os seus semelhantes. (1)

Seja onde fôr, nos ensinamentos de Miquéias ou nos de Jesus, Deus sempre se mostra igualmente preocupado com todos os homens, tanto com o meu próximo como comigo, nem mais, nem menos. E não há meios de honrá-lo, enquanto estivermos desonrando "a obra de suas mãos." Êste ensinamento aparece nas Escrituras vêzes sem conta. Eis um exemplo: Amuleque encoraja seu povo a orar pelas necessidades pessoais e depois acrescenta:

"...eis que vos digo que isto ainda não é tudo; porque, depois de haverdes praticado tudo isso, se negardes ao necessitado e ao despido, e não visitardes os aflitos e doentes, nem repartirdes o vosso sustento, se o tendes, com os que necessitam, eu vos digo, se não praticardes nenhuma destas coisas, eis que vossas orações serão baldadas e de nada vos valerão, e sereis como os hipócritas que negam a fé." (Alma 34:28)

(1) vide por exemplo, Isaías 1, Oséias 4, Miquéias 3 e Jeremias 7.

João exprimiu-se da seguinte forma:

Aquêle que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas. (1 João 2:9)

APLICAÇÃO NA ATUALIDADE

É fácil pregar os princípios de um modo geral e ilustrar sua aplicação na antiguidade. E ninguém se sentirá atingido ou sensibilizado com isso. Mas quando tais prescrições das Escrituras são traduzidas para o idioma atual, então surgem a posição e os transtornos. Alguém já disse: "É bastante fácil amar a humanidade (de um modo abstrato); o difícil é amar o indivíduo."

No século XX a sociedade tornou-se cada vez mais complexa. Os problemas não são simples nem bem definidos, isto o sabemos. Não podemos simplesmente adotar as leis de antigamente, dar esmola ao pedinte e vestir o necessitado. Muitos problemas sociais não poderão ser abordados de forma simples e pessoal. Contudo, a filosofia básica, o preceito fundamental que nos tem sido ensinado através dos tempos, continua válida. Para servir a Deus, o homem tem que servir a seu próximo. Poderemos debater a maneira de fazê-lo, mas não a injunção em si.

Portanto, sem querer de qualquer forma julgar quem quer que seja, gostaríamos de finalizar êste artigo abordando algumas das responsabilidades sociais de todos os que anseiam por "subir ao monte do Senhor". Não podemos — como a Israel de antanho também não pôde — viver a religião na intimidade de nossos lares e capelas, ignorando os efeitos da nossa conduta sôbre a vida de nossos semelhantes nos mercados, escolas, estradas e caminhos.

A vida moderna tende a ser friamente impessoal. Os sêres humanos, fora do nosso círculo íntimo, transformam-se em meios para se obter o fim, meros agentes que nos prestam serviços ou nos facultam lucros. Podem, ainda, apresentar-se como simples dados estatísticos sôbre o desemprêgo, pessoas vitimadas nas estradas, estudantes universitários ou mesmo pessoas batizadas na Igreja. Permitam-me considerar alguns aspectos sociais desta era de despersonalização.

A HONESTIDADE E A CORREÇÃO PROFISSIONAL:

Nesta época de relações impessoais nas transações comerciais — exemplificadas pelas grandes corporações, supermercados, postos de serviço nas modernas rodovias e vultosos contratos governamentais — a tentação de se tornar desonesto e indiferente para com o próximo se multiplica. As pessoas enganam o forasteiro ou aproveitaram-se ilicitamente do Govêrno, mas nunca pensariam em roubar o vizinho. Os odômetros são alterados com o fito de valorizar os carros à venda; as declarações do imposto de renda são deixadas incompletas; eleva-se o preço das mercadorias ou compra-se refugo para a venda em liquidações especiais. Freqüentemente, os preços de serviços prestados são calculados em função do movimento existente e os professôres, advogados e médicos se vêm tentados a procurarem seu próprio interêsse e não o de seus clientes.

Muitos de nós precisamos reavivar nossos princípios éticos e religiosos, e depois nos atermos a êles rigorosamente em nossas atividades profissionais. É muito fácil sermos levados a viver uma vida dupla — uma na esfera íntima e outra em nossas relações profissionais. Participação na vida comunal:

A Igreja, com seu amplo programa de atividades e liderança leiga, tende a preencher as horas de lazer de seus membros ativos. Isto em si é muito bom, pois onde poderíamos servir melhor a Deus e aos homens? Entretanto, somos também membros de uma sociedade maior, cidadãos da comunidade, do Estado, da Nação e do mundo. Todos os santos dos últimos dias têm que ser cidadãos responsáveis dessa comunidade mais ampla, tanto quanto o são da comunidade da Igreja.

É preciso estudar e debater as questões políticas e sociais da atualidade em todos os níveis da sociedade, como também ser ativo na vida cívica. Numa cidade moderna, existem inúmeros empreendimentos de caráter social por exemplo, assistência familiar, centros de sanidade mental, conselhos de assistência social comunitária etc., que necessitam do apoio ativo dos cidadãos ali radicados. Todo santo dos últimos dias adulto, excetuando-se sòmente os incapacitados em virtude de problemas pessoais ou doença, deveria estar prestando algum serviço à sua comunidade, da mesma forma como à Igreja.

DIREITOS HUMANOS

A meu ver, o maior problema do mundo atual, mais sério mesmo do que o comunismo, é a necessidade dos homens de tôdas as raças, culturas e sociedades, sentirem seu próprio valor e dignidade como sêres humanos. A vida da humanidade conta uma longa e vergonhosa história de subjugação e humilhação de seus semelhantes por razões econômicas, políticas, religiosas, raciais etc.

Em nome da religião e do humanitarismo isto tem que acabar. É possível que certos homens sejam mais talentosos, mais abastados ou possuam outras vantagens sôbre os demais, mas nem por isso são superiores aos seus semelhantes. Todos nós somos filhos da mesma terra e do mesmo Criador, Deus ama tanto a um quanto ao outro. Podemos nós, então, deixar por menos? Todo o ser humano sente as mesmas necessidades quanto a alimento, vestuário, abrigo, amor, respeito próprio e auto-expressão criativa. Nas palavras do Livro de Mórmon:

"Prezai vossos irmãos como a vós mesmos... pois para Êle uma criatura é tão preciosa como a outra... (Jacó 2:17,21)

"...pois êle pratica o bem entre os filhos dos homens... e pede a todos que venham a Êle e participem da sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou prêto, escravo ou livre, homens ou mulheres; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios. (2 Néfi 26:33).

O homem é um ser social. O amor fraterno é a maior lei básica do Evangelho e da vida. Não importa o que possuimos, nem a posição que ocupamos na Igreja de Cristo, se não tivermos amor, "de nada nos aproveitará." "Por isso os homens saberão que sois meus discípulos, que vos ameis uns aos outros." Aprender a praticar o amor e a justiça deveria ser o nosso maior interêsse ao aceitarmos o comprometimento, sempre renovado, com o amor de Deus por intermédio de Cristo Jesus.

EXPLOSÃO POPULACIONAL

Spencer W. Kimball

Quando, em 1968, o profeta envia os Doze, os setenta e os inúmeras élderes e irmãs para pregarem o Evangelho ao mundo, existe no mundo uma população de mais de três bilhões de pessoas, ou seja, umas treze vêzes maior do que quando se deu o primeiro comissionamento, 18 séculos atrás. Estima-se que, ao Moisés libertar os filhos de Israel da escravidão egípcia, existiam no mundo inteiro sòmente vinte e cinco milhões de pessoas; duzentos e cinquenta milhões quando Cristo nasceu, e uns quinhentos milhões ao tempo das Cruzadas, quando Colombo atravessou o Atlântico e quando aqui aportaram os peregrinos — pois a população permaneceu quase que inalterada por uns seis séculos em virtude de guerras, epidemias e da fome que impediram o crescimento natural.

Por ocasião da organização da Igreja no ano de 1830, a população da terra era estimada em 1 bilhão de almas; cem anos mais tarde, quando se festejava seu centenário, estava acrescida de outro bilhão, e o terceiro foi alcançado trinta e um anos mais tarde; daqui há 14 anos, poderemos ter chegado a totalizar o quarto bilhão. A maioria de vocês ainda poderá ver a terra contar com uma população de 7 bilhões de pessoas. E um século mais tarde poderão viver no mundo de 42 a 45 bilhões. Assim, pois, precisamos pôr mãos à obra antes que a explosão populacional nos perca.

Não nos sentimos desencorajados, pois o nosso desempenho está melhorando dia a dia. Em 6 de abril de 1830, existia um santo dos últimos dias para cada 166 milhões de pessoas; em 1840, havia uma para cada 35 000; em 1920, um para cada 3 400; em 1955, um para cada 1 800; e hoje em dia, aproximadamente uma alma em cada 1 500 é membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Estamo-nos tornando bastante numerosos.

Influências Culturais e

Robert J. Matthews

Em seu livro "Círculo Familiar", Steward Robertson, diz da Bíblia:

"A Bíblia é um "best-seller" eterno. É um livro com o qual quase todos nós pretendemos estar familiarizados, e no entanto, quando emergimos da emboscada do nosso orgulho, nos deixa humildes em nossa ignorância. É o livro mais valioso do mundo e também o mais barato. É guardado como uma preciosidade nas grandes bibliotecas e museus; contudo, não hesitamos em tê-lo nos nossos lares. É claro como o cristal e ao mesmo tempo a mais misteriosa das obras."

A Bíblia tem sido chamada de o Livro, o Bom Livro, e o Livro dos Livros.

É impossível aquilatar a influência que a Bíblia tem exercido sôbre a família humana; mas é possível apreender algo da magnitude do seu impacto sôbre grande parte do mundo, principalmente sôbre a civilização ocidental. A espiritualidade e a cultura não podem ser medidas com precisão, pois são um tanto intangíveis. Podemos apenas concluir que a Bíblia afetou o modo de pensar e as ações de homens e mulheres das mais diversas procedências durante o decorrer de milhares de anos. Esta influência se evidencia em nossa língua, literatura, artes, música, em nosso código moral, organização, costumes e maneirismos e mesmo em certas atividades recreativas. Ela impregna tôda a nossa sociedade.

A "Ward Teaching Message" de março de 1961, publicada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, afirma o seguinte:

"A Bíblia tem exercido mais influência sôbre a humanidade do que qualquer dos outros livros publicados. Já foi traduzida em centenas de idiomas e é conhecida em todos os países. Satisfaz os mais elevados anseios do coração humano. Confirma a existência de Deus...

"A estrutura da religião cristã, da sociedade atual e da civilização ocidental é fundada sôbre a Bíblia Sagrada...

"Entretanto, a mais profunda das suas influências tem atingido o homem individualmente. Os mais sublimes ideais da cultura e do refinamento originaram-se neste livro. Os maiores pintores e compositores alcançaram o cume do seu poder criador ao reproduzirem temas e personagens bíblicos... Ela tem inspirado mais bondade do que qualquer outro livro. As almas nobres medem a extensão de sua responsabilidade moral e modelam suas vidas de acôrdo com os preceitos que tão eloqüentemente advoga.

"A mensagem da Bíblia é a essência da esperança. Ela estabelece a fé no coração de quem a lê. Na Bíblia sempre encontraremos a mensagem oportuna, seja para as horas de desesperança ou nos momentos de alegria..."

As três grandes religiões — o judaismo, o cristianismo e o islamismo — têm suas raízes na Bíblia. Mesmo que essas religiões não adotem sòmente a Bíblia, e talvez dela se tenham afastado, teve grande influência sôbre seus sistemas teológicos e práticas religiosas.

É importante frisar que a Bíblia foi produzida por um povo que naquela época não contribuíra muito para a cultura do mundo. Os gregos nos deram a filosofia, as artes, a escultura e grande parte do nosso vocabulário. Os romanos contribuiram com a legislação, govêrno, administração, arte, escultura, música e enriqueceram os nossos idiomas. No entato Israel, que produziu a Bíblia e que na era moderna influenciou tão profundamente o resto da humanidade em todos êsses campos, nos tempos bíblicos não se fêz notar. Com isto não queremos desacreditar ou menosprezar a casa de Israel na sua qualidade de povo; mas serve para definir mais precisamente sua missão na terra e descobrir a fonte dêsse dom.

Enquanto outras nações encontraram meios de exprimir a manifestação visível da verdade divina através da música, pintura, escultura, literatura e demais artes, a centelha divina que alimentou a chama provém principalmente da inspiração e dos dons que Deus concedeu a seus servos escolhidos — os autores das Escrituras sagradas. A revelação de Deus foi a fonte de Israel, e transmitir os conhecimentos aos demais sêres humanos, a sua missão. (2 Néfi 29:4). A missão de Israel no mundo é uma missão espiritual, e seus profetas e apóstolos foram os receptores espirituais. Os gentios manifestaram esta mensagem espiritual por outros meios, como a pintura e a escultura. E talvez fôsse o mandamento que lhes proibia fazer e adorar imagens de escultura que impedia o desenvolvimento das artes plásticas entre os israelitas, impelindo-os mais para as ciências sociais, a música e a literatura.

A Bíblia exerceu sua maior influência sôbre o espírito do homem. Contém as palavras de Deus dirigidas ao espírito do homem e seus aspectos culturais se originaram dêsse fato. Contudo, a espiritualidade do homem não pode ser medida. Torna-se manifesta tão sòmente através de suas ações e conduta, e por isso a extensão da mudança de atitudes e modo de viver ocasionados pela Bíblia na vida do indivíduo não podem ser aquilatados. O número de corações que têm sido mudados, confortados

e Espirituais da Bíblia

e que sentiram a felicidade nos momentos secretos de meditação sôbre os preceitos bíblicos, nunca poderão ser registrados em livros terrenos.

Henry Van Dyke descreveu a influência da Bíblia nas obras de arte da seguinte maneira:

"Suponhamos, por exemplo, que fôsse possível desfazer tôdas as obras de arte que manifestamente se originaram de pensamentos, emoções ou visões derivados da Bíblia — tôdas as esculturas como o Davi de Donatello e o Moisés de Miguel Ângelo; tôdas as pinturas como a Madona Sistina de Rafael e a Sagrada Família de Murillo; as obras musicais como a Paixão de Bach e o Messias de Händel; a Divina Comédia de Dante e o Paraíso Perdido de Milton — como isto não deixaria o mundo empobrecido!"

Esta lista poderia incluir um número quase ilimitado de oratórios, cantatas, pinturas, esculturas, "spirituals", hinos, obras sacras e outras de mérito permanente.

Alusões e referências diretas a personagens e acontecimentos bíblicos são encontradas em tôda a classe de livros. A pesquisa as achou em obras sôbre geografia, história, govêrnos, ciências naturais, geologia e assuntos semelhantes.

A imprensa e periódicos leigos freqüentemente usam alusões e fraseado bíblicos para efeitos dramáticos.

Como a literatura, também a indústria cinematográfica tem sentido a influência da Bíblia. Muitos filmes já foram produzidos por companhias particulares para fins didáticos em escolas e seminários. E não poucos filmes de longa metragem destinados ao entretenimento público, basearam-se em temas ou títulos bíblicos. Citaremos apenas alguns como os Dez Mandamentos, a Bíblia, O Sinal da Cruz, o Rei dos Reis, Quo Vadis, David e Bet-Sabá, a História de Rute, o Manto, Salomé, Barrabás e muitos outros que não se propunham a ilustrar temas bíblicos.

A Bíblia exerce tão grande influência sôbre o nosso linguajar diário que em quase tôda a parte podemos ouvir expressões que dela se originaram. Muitas dessas frases popularizaram-se numa época em que a Bíblia era lida com mais freqüência do que hoje em dia, mas nem por isto deixaram de ser usadas; entretanto, se desconhecermos sua origem, perdem muito do seu significado. E é bem possível que muitas dessas expressões populares sejam utilizadas com freqüência por pessoas que pouco se interessam por suas origens e significado.

Além destas, empregamos diàriamente outras frases que parecem ter origem bíblica mas não são citações diretas. Por exemplo, "não existe descanso para os maus" pode ser que provenha de Isaías 48:22: "Para os perversos... não há paz.". O dito "um passarinho me contou", talvez tenha sua origem em Eclesiastes 10:20: "as aves dos céus... poderiam dar notícias."

Existe uma lista imensa de nomes e sobrenomes de origem bíblica. É uma coisa tão comum entre nós que seria esfôrço vão tentar exemplificá-lo. Entre certos grupos de épocas passadas existia tal tendência para empregar nomes bíblicos que Calvino, ao que consta, chegou a prender um homem simplesmente porque preferiu chamar seu filho de Cláudio (um nome gentio) em lugar de dar-lhe o nome de Abraão.

Nosso atual código de leis, apesar da sua estrutura romana, encerra, sem dúvida, o espírito hebraico, e muitas leis da Inglaterra e da América baseiam-se na lei mosaica. A testemunha para depor perante um tribunal formal é obrigada a colocar sua mão sôbre a Bíblia, jurando dizer a verdade. As pessoas, ao serem empossadas em certos cargos públicos, freqüentemente prestam seu juramento com a mão sôbre a Bíblia. Na gíria comumente ouvimos a frase, "jure pela Bíblia" ou, mais explìcitamente, "jure por uma pilha de Bíblias".

Conta-se que Colombo compilou um "livro de profecias" em que anotou tôdas as passagens bíblicas que, a seu ver, referiam-se ao Nôvo Mundo. Êle o terminou a 13 de setembro de 1501, quando preparava-se para empreender sua quarta viagem à América.

Em muitas ocasiões, enquanto tentava obter o auxílio de Fernando e Isabel, Colombo citava passagens da Bíblia que acreditava se referissem à sua missão como explorador. Êle julgava o livro de Isaías particularmente proveitoso. Os escritos e declarações de Colombo evidenciam que êle acreditava realmente no seu chamado divino como descobridor de novas terras e que empregava as profecias bíblicas com sinceridade.

Os puritanos e outros grupos vieram à América em parte porque desejavam cultuar Deus conforme suas convicções e de acôrdo com sua interpretação da Bíblia.

Vemos, assim, que a Bíblia tem exercido um grande impacto cultural na vida, religiosa ou leiga, dos povos através dos séculos. Ela é um tesouro inestimável, uma herança da nossa raça e que exerce uma influência bem maior do que geralmente supomos. Sua permanência e grande utilidade como auxílio para as necessidades espirituais de milhares de pessoas durante séculos, atestam sua origem divina e o fato significativo de que a sua figura central, Jesus Cristo, é o Deus do mundo inteiro.

MÓRMON

compilador do Livro de Mórmon, escritor, soldado, santo homem de Deus

Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze

Mórmon, que compilou e resumiu o Livro de Mórmon, foi um profeta e um homem santo, que servia também como comandante das fôrças de combate da nação nefita. Seu caráter aliava grande energia à profunda espiritualidade; era um professor e guia de seu povo, uma testemunha de Jesus que lhes pregava o arrependimento enquanto conduzia suas tropas a brilhantes vitórias militares.

Revoltado com a arrogância iníqüa do povo que, esquecido de Deus, celebrava as vitórias militares jactando-se da própria fôrça, Mórmon durante algum tempo deixou de guiá-los nas batalhas. Condenava seus juramentos de vingança e morte contra os inimigos, mas abrandou diante da apavorante derrota e destruição inevitável; então marchou com as tropas e junto delas morreu na terrível batalha que determinou a virtual extinção da nação nefita.

Recebeu seu nome da terra chamada Mórmon onde Alma, convertido pela pregação de Abinadi, encontrou refúgio da côrte do rei Noé e estabeleceu a Igreja de Cristo. Mórmon, além de seus outros deveres, serviu como historiador e guardião dos registros de seu povo e recebeu a tarefa monumental de resumí-los num relato conciso. Como se mostrou uma grande figura literária e trabalhador incansável, os anais completos receberam seu nome, quando na verdade foram escritos por diversos autores.

MÓRMON, O HOMEM

Quais as qualidades que compunham êsse profeta-general-historiador? O que mais o interessava? O que pregava? De que forma sua vida refletiu suas convicções?

Mórmon era descendente direto de Lehi e Néfi. É extraordinário notar quão cedo na vida se evidenciaram sua inclinação e comprometimento.

Aos dez anos de idade os homens responsáveis o tinham como uma "criança sensata, ...e de pronto entendimento", e recebia significativa designação para sua vida futura.

Com onze, em companhia do pai, visitou o país de Zarahemla.

Quando tinha 15 anos de idade, foi "visitado pelo Senhor e experimentou e conheceu a bondade de Jesus."

Aos dezesseis, comandou as tropas dos nefitas.

Ainda adolescente, com destemor procurou pregar o arrependimento ao povo, numa ocasião em que já não contavam com "os dons do Senhor e o Espírito Santo a ninguém foi concedido."

Da mesma forma como aconteceu com outras grandes figuras, mesmo a Jesus enquanto aqui na terra, a sua missão e contribuições extraordinárias já se evidenciavam durante a sua juventude; êle decidiu-se e comprometeu sua vida nos primórdios da sua existência. E esta grande promessa foi cumprida através de uma vida de dedicação e desprendimento.

AMAVA AO SENHOR:

Os serviços prestados por Mórmon estão contidos nesta sua declaração:

"Eis que sou discípulo de Jesus Cristo, o filho de Deus, e por Êle fui chamado para anunciar sua palavra ao povo, a fim de que possa alcançar a vida eterna."

Êle acreditava e pregava com vigor que "em Cristo virão tôdas as coisas boas."

Êle lhes suplicava que buscassem "diligentemente, mediante a luz de Cristo, a fim de que pudessem diferenciar o bom do mau; ...e certamente seriam filhos de Cristo", porque, dizia, Cristo "defendeu a causa dos filhos dos homens."

AMAVA SEU POVO:

Não obstante a inqüidade do povo, Mórmon o amava:

"Eu os havia conduzido várias vêzes à batalha e amava-os segundo o amor de Deus que se achava em mim, com todo o meu coração; e todos os dias elevava minha alma a Deus em oração, em favor dêles..."

"E minha súplica a Deus é referente a meus irmãos, para que outra vez voltem ao conhecimento de Deus; sim, à redenção de Cristo, para que possam voltar a ser um povo deleitável."

"Eu amo as criancinhas com um perfeito amor; são elas tôdas iguais e participantes da salvação."

Mórmon orava pelo povo, mesmo sabendo que o seu arrependimento não era sincero, mas sim o "lamento dos condenados" e que "o dia da graça já havia passado para êles, tanto temporal como espiritualmente."

O principal anseio de seu coração era "poder persuadir a todos vós, ó extremos da terra, que vos deveis arrepender e preparar para comparecer perante o tribunal de Cristo."

FOI MESTRE SÁBIO E FIEL:

Mórmon viveu de acôrdo com suas convicções. A profundidade de seus ensinamentos aliava conselhos sábios acêrca dos problemas do dia a dia e conduta pessoal dentro da profissão. Com humildade implorava ao povo que vivesse honradamente, que protegesse o "que é mais caro e precioso sôbre tôdas as coisas, ou seja, a castidade e a virtude."

Êle pedia-lhes com insistência a

— "orar ao Pai com verdadeira intenção de coração"
— reconhecer que "Deus não é um Deus parcial"
— a praticar a caridade, pois "a caridade é o puro amor de Cristo e dura sempre"
— orar, agir e dar com "verdadeira intenção de coração"
crer nos profetas, nos anjos e nos milagres, pois Deus obra de "várias maneiras" a fim de "manifestar as coisas aos filhos dos homens"
crer na restauração dos judeus e dos lamanitas por ocasião da reunião da casa de Jacó e da casa de José.

ADMOESTAÇÃO E PROMESSA

Grande parte da sua vida, Mórmon a viveu entre carnificinas, destruições e trágicas iniqüidades, mas nunca deixou de combater o mal e o inimigo, até a sua morte.

Forte e fiel, procurou até o fim, fazer com que o povo se arrependesse. Seu adeus bem que poderia ter sido o apêlo: "os que nêle têm fé unir-se-ão a tudo quanto é bom," e a admoestação feita através de seu filho Moroni:

"Portanto, meus amados irmãos, rogai ao Pai com tôda a energia de vossos corações, a fim de que recebais do seu amor, concedido a todos os que são verdadeiros discípulos de seu filho, Jesus Cristo; a fim de que vos torneis filhos de Deus."

Referências: Mórmon 1:2, 1:6, 1:14, 1:15, 2:1, 2:2, 2:13-15. Palavras de Mórmon 8. — 3 Néfi 5:13, 5:20-26. — Moroni 7:9, 7:16, 7:19, 7:22, 7:24, 7:28, 7:47-48, 8:17-18, 9:9.

A ÚLTIMA PALAVRA

Advogado — "Você diz que estava a uns 12 metros da cena do crime e ainda assim você pode identificar o acusado? Até que distância você pode ver claramente?". Testemunha — "Bem, quando acordo de manhã consigo ver o sol e dizem que êle está a uma distância média de 150 milhões de quilômetros"!

Durante a viagem de trem por ocasião de uma transferência, enquanto fazia minha missão, uma môça sentada no banco da frente, voltou-se e disse: "Desculpe-me, mas você é americano, não é?" "Não," respondi-lhe, "sou australiano." Ela ficou meio sem graça e voltou a acomodar-se. Depois de refletir por um instante sôbre a sua pergunta, toquei em seu ombro e perguntei: "Perdão, mas por que supôs que eu fôsse americano?" Sua resposta foi desconcertante: "Porque você se parece tanto com um mórmon!" — élder Owen B. Mutjelburg, Nova Zelândia, Missão do Sul.

Um clérigo do interior afixou o seguinte aviso na porta da igreja: "O irmão Silva partiu para os céus às 14,30 horas." No dia seguinte encontrou escrito à lápis abaixo da sua nota: "Céus, 9 horas da manhã: Silva ainda não chegou — estamos muito preocupados."

Sendo a paternidade uma experiência tão gloriosa, como é importante que lhe prestemos a devida reverência! — élder Boyd K. Packer.

Quando investigava a Igreja, minha família foi à Escola Dominical com os missionários. Mais tarde, perguntamos à minha irmãzinha se gostara da sua classe da Júnior. "Bem", respondeu, "minha classe estava repleta de meninos impossíveis que não paravam de me provocar." Depois animou-se e continuou, "Mas qualquer igreja que consegue transformar êsses pirralhos malcriados em élderes tão bonzinhos tem que ser verdadeira!". — Carolyn Brink, Denver, Colorado.

Roberto, meu filho, tinha um leve defeito de pronúncia que o incomodava bastante. Quando estava cursando o quarto ano, sua professôra contou-lhe que o estado de Utah fôra colonizado pelos pioneiros que provinham quase todos de países d'além mar. Ela pediu-lhes que indagassem dos pais de qual país haviam vindo seus ancestrais. Quando contei a Roberto que os seus foram dinamarqueses, alemães, inglêses, escoceses e espanhóis, sua expressão iluminou-se e exclamou: "Então não admira que eu não consiga falar normalmente." — Martha H. Burton, Layton, Utah.

Aquêle que devota diàriamente 16 horas ao estudo poderá aos sessenta anos ter-se tornado tão sábio quanto se julgava aos vinte. — Mary Wilson Little.

Os homens são o que suas mães o fizeram. — Ralph Waldo Emerson.

Do Bispado Presidente

O Bispado

Certa vez, alguém descobriu uma planta de centeio cujas raízes e radículas formavam um conjunto medindo 619 km de comprimento. É interessante que uma planta relativamente tão simples possua um enraizamento tão extenso.

Esta planta simples, mas tão firmemente unida à sua fonte supridora de energias, faz surgir a pergunta: a que ponto chega o enraizamento de nossos filhos nos valôres espirituais da vida? Teremos nós lhes proporcionado um "sistema radicular" espiritual que os capacitará a resistirem às tormentas mundanas de nossos dias? Se os pais não contribuirem para que seus filhos consigam adquirir esta base espiritual, então é quase certo que nunca o conseguirão.

Na vida de um jovem não existe outra influência tão vital e decisiva como a exercida pelos pais — seja ela construtiva ou maléfica. Na realidade, a criança é um reflexo de seu lar e de seus pais. Mahatma Gandhi disse certa vez, "Minha vida é a minha mensagem". Isto se aplica também aos pais. A felicidade, os problemas, os objetivos, as crenças e a filosofia dos pais, tudo isso influencia seu filho. D. L. Law o exprimiu da seguinte forma:

"se viver entre críticas,
a criança aprenderá a condenar.

"Se conviver com a hostilidade,
aprenderá a lutar.

"Se viver com mêdo,
se tornará apreensiva.

"Se fôr mimada,
aprenderá a auto-comiseração.

"Se fôr ridicularizada,
se tornará tímida.

"Se viver entre ciumeiras,
aprenderá a sentir-se culpada.

"Se conviver com a tolerância,
aprenderá a ser paciente.

"Se conhecer o encorajamento,
desenvolverá sua auto-confiança.

"Se costumar ser louvada,
aprenderá a ser reconhecida.

"Se conhecer o aprêço,
aprenderá a aceitar-se a si mesma.

"Se conhecer a aprovação,
aprenderá a ter um objetivo.

"Se conviver com a honestidade,
aprenderá o valor da verdade.

"Se costumar sentir segurança,
aprenderá a ter fé em si e nos outros.

"Se conhecer benevolência,
aprenderá que o mundo é um lugar agradável para se viver.

"Se fôr bem aceita,
aprenderá a amar."

Até certo ponto, os pais moldam o que os seus filhos serão no futuro. Êles verão que, quando os filhos atingirem a independência parcial que acompanha a adolescência, refletirão mais e mais o que aprenderam no lar, quer o tenham aprendido explícita ou inadvertidamente dos pais. E é sôbre êstes jovens, os rapazes do Sacerdócio Aarônico e as môças da AMM, que eu gostaria de chamar a atenção. Êles estão vivendo uma época vital de suas vidas, anos que determinarão suas existências futuras, anos de inúmeras tentações.

É durante êsses anos que os pais devem dar uma atenção tôda especial às necessidades de seus filhos e filhas. E a despeito de que os jovens nessa idade, começam a reivindicar sua independência, êles ainda sentem necessidade da disciplina construtiva, dos regulamentos e

O Presidente Fala aos Pais

Bispo John H. Vandenberg

instruções definidos. Êsse regulamento não deve cercear a iniciativa e o desenvolvimento pessoal, mas ainda assim precisa ser aplicado com energia. Isto ficou patenteado por uma carta publicada numa coluna divulgada por extensa rêde de jornais: "Eu sou uma môça de 17 anos e bem que poderia considerar-me como órfã. Minha família não se preocupa comigo. Posso ir a qualquer lugar, seja com quem fôr e a qualquer hora. Ninguém me pergunta nada... Todos os adolescentes precisam dum regulamento. Isto lhes dá a certeza de que alguém realmente preocupa-se com êles."

Os jovens precisam e esperam que os pais estabeleçam um roteiro pelo qual possam orientar-se. E o Senhor espera o mesmo dos pais. Seu pensar sôbre esta questão está ilustrado pelo que disse sôbre Eli, um sacerdote da Israel de antanho. Elí deixara de corrigir seus filhos obstinados e por isso foi duramente repreendido pelo Senhor:

"Disse o Senhor a Samuel: Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos.

"Naquele dia suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa: começarei e o cumprirei.

"Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniqüidade que êle bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e êle não os repreendeu.

"Portanto, jurei à casa de Eli que nunca jamais lhe será expiada a iniqüidade nem com sacrifício nem com oferta de manjares." (I Samuel 3:11-14)

Os Estados Unidos, bem como outros países, estão sofrendo as conseqüências da falta de liderança e de disciplina no lar. A Comissão Nacional do Crime nos Estados Unidos, em recente relatório apresentado ao presidente da nação, concluiu que grande parte da culpa acêrca do problema criminal (pelo qual "os jovens são aparentemente responsáveis em parte substancial e desproporcional") cabe aos pais. Nesse relatório a comissão declara:

"Os programas e atividades de quase todos os tipos de instituições sociais com as quais a criança entra em contato — escolas, igrejas, postos de assistência social, órganizações para a juventude — fundam-se na pressuposição de que as crianças adquirem no lar suas atitudes básicas com que enfrentam a vida e os seus padrões morais...

O que parece estar acontecendo é que, em todo o país, nas cidades como nos subúrbios, entre os pobres como dentre os abastados, a autoridade dos pais, e especialmente a paterna, está se enfraquecendo cada vez mais."

A maneira eficiente de diminuir o número de crimes cometidos por jovens, a maneira de formar uma geração de jovens moralmente forte e que possua ideais elevados, não será através de programas patrocinados pelo Govêrno, mas sim através dos pais, quando êstes reconhecerem que o papel de pai é o mais importante dos seus encargos. Alguns dêsses pais precisam dar ao lar o papel importante que o Senhor lhe destinou; A afirmação do profeta: "Nenhum outro sucesso poderá compensar o fracasso no lar", não deve ser apenas citada — precisa ser aceita e aplicada. A reunião familiar proporciona aos pais um dos grandes instrumentos para criar uma família exemplar. Negligenciar êsse programa poderá ter como conseqüência uma família que está abaixo do que deveria ser.

A responsabilidade dos pais, de ensinarem seus filhos, existe desde a época de Adão. Os profetas aconselhavam à antiga Israel: "Ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos e levantando-vos." (Deut. 11:19). Êste conselho pode não ser nôvo, mas sua aplicação nunca antes foi tão necessária quanto hoje.

Um Despertar

Linda Ladd

Quando, há menos de um ano, comecei a freqüentar as reuniões da Sociedade de Socorro, foi devido à insistência de uma amiga e vizinha que é um membro ativo da Igreja. Eu então não me considerava o "tipo" de pessoa que pudesse se adaptar a êsses grupos femininos de Igreja, e imaginava a Sociedade de Socorro como uma porção de senhoras idosas, sentadas em círculo, arrumando frutas em cestinhas para os doentes e necessitados. Pelo dito, quase tôdas vocês já poderiam deduzir que eu não era um membro da Igreja. Eu ainda não fui batizada, mas espero que esta situação logo se modifique.

Minha primeira experiência com a Sociedade de Socorro foi como um despertar. Eu encontrei entre as irmãs a amizade e a fraternidade, e o mais importante, descobri que meu Pai Celestial na verdade dera às irmãs desta Igreja algo de maravilhoso.

Com o passar do tempo, tornei-me uma visitante assídua, na realidade uma freqüentadora regular, dessas reuniões. E coisas estranhas começaram a acontecer na minha vida — principiei a notar fatos sôbre os quais nunca pensara muito. Eu não me preocupava em ser uma boa dona de casa — detestava cozinhar e costurar e principalmente odiava limpar a casa. Eu não ligava que meu marido pudesse preferir uma boa cozinheira e uma casa bem arrumada — não era do meu feitio e êle que se conformasse com isso.

Graças à Sociedade de Socorro, às lições que ouvi e aos exemplos que lá pude observar, operou-se em mim uma mudança drástica.

Certo dia, uma das irmãs nos mostrou um casaco que confeccionara de uma peça usada comprada por uns poucos cruzeiros. Fiquei abismada que tais coisas pudessem ocorrer em nossos dias e época. Naquele dia voltei para casa refletindo sôbre o que vira e ouvira na reunião e decidi que tentaria costurar. Comprei o material e fiz um vestido, um casaco e um chapèuzinho para o meu bebê.

Que experiência emocionante saber que conseguira criar com minhas próprias mãos algo de valor! Nunca me sentira tão orgulhosa e quando mostrei a roupinha ao meu marido, a admiração que pude ver em seus olhos é algo de que nunca me esquecerei.

Noutra ocasião, minha vida transformou-se em outro sentido. Falava-se da reserva doméstica de alimentos e discutiu-se o modo de preparar conservas. Ali estavam mulheres — senhoras modernas, bem vestidas, cultas — discutindo a velha arte de fazer conservas. Pensei, isto não é para mim, mas no decorrer do debate, comecei a compreender que se quisesse levar avante o programa de estocagem de alimentos, teria que fazer conservas. Não cheguei a fazer nenhuma conserva êste ano, mas preparei 40 potes de geléia, e podem crer, para mim foi um empreendimento e tanto! No ano que vem acrescentarei algumas conservas à minha crescente lista de talentos domésticos.

Ainda não consigo gostar da limpeza de casa, mas posso afirmar honestamente que estou tentando com mais afinco e fazendo um trabalho melhor, e sentindo-me mais orgulhosa da minha casa a cada dia que passa. Descobri que, ao ter mais orgulho da minha casa e das coisas a ela relacionadas, meu marido está bem mais satisfeito comigo. Eu devo esta nova satisfação e enriquecimento da minha vida à Sociedade de Socorro. Quando vou lá semanalmente e vejo as mulheres aprenderem a ser mais femininas, as mães aprendendo a serem mães, e espôsas aprendendo a ser espôsas, e aplicando na vida diária o que aprenderam, eu agradeço ao Pai Celestial ter sido tão afortunada de poder participar dêsse plano maravilhoso.

Pela primeira vez na minha vida eu tenho um propósito e sinto que através das minhas atividades na Sociedade de Socorro estou fazendo a minha parte, ainda que pequena, para que se realizem os planos de Deus da maneira pela qual o deseja. As coisas que aprendi sôbre o Evangelho e sôbre os ensinamentos específicos

A LIAHONA MIRIM

Outubro — Suplemento Infantil — 1968

Seleções do "The Children's Friend" Copyright 1968

O MISTÉRIO DO LADRÃO DE BORBOLETAS

CAPÍTULO I

MÃOS A OBRA

Murray T. Pringle

Danilo julgava-se o menino mais feliz e afortunado de tôda a Bragança. Tinha dois motivos para sentir-se assim.

tanto, estava em férias. E em segundo, conseguira um emprêgo. Não apenas um emprêgo qualquer, mas o tipo de trabalho que sempre almejara, ou quase isso.

Danilo decidira estudar História Natural e tornar-se cientista quando crescesse, e queria obter alguns conhecimentos práticos, com o que os pais estavam de acôrdo.

Seu trabalho seria desempacotar e preparar para a exposição algumas coleções de borboletas que haviam sido doadas ao museu.

Ao ser contratado pelo sr. Carvalho, êste lhe disse: "Bem, esta tarefa exigirá muito tempo e um grande quinhão de paciência. Depois de uns poucos dias você poderá achá-la maçante e desejar estar se divertindo com seus amigos. Isto o levaria a tentar terminar o trabalho às pressas, o que não é possível num museu. A pressa é inimiga da perfeição. Sendo assim, você ainda continua querendo o emprêgo?"

"Quero sim," Danilo replicou com ênfase. "É lógico que sim! E, palavra de honra, prometo ser muito cuidadoso! Eu sempre desejei trabalhar num museu ou no zoológico. Além do que, já trabalhei um pouco na preparação de borboletas lá na escola."

"Eu sei disso," respondeu sorrindo o sr. Carvalho. Tomei informações na

Um Despertar

Linda Ladd

Quando, há menos de um ano, comecei a freqüentar as reuniões da Sociedade de Socorro, foi devido à insistência de uma amiga e vizinha que é um membro ativo da Igreja. Eu então não me considerava o "tipo" de pessoa que pudesse se

sua escola depois de receber sua carta. Seus professôres o recomendaram e é por isso que o estou contratando. Geralmente não admitimos ninguém com menos de dezesseis anos. Tenho certeza de que você será cuidadoso e fará um belo trabalho. Mas lembre-se, quando se sentir caceteado, por favor, largue o trabalho e vá para casa ou procure seus amigos, até que sinta nova disposição para o trabalho. Afinal, você dispõe do verão inteiro e será seu próprio chefe. Estamos entendidos?"

"Certo, sr. Carvalho," disse o rapaz. "Quando posso começar?"

"Hum? Bem, digamos lá pelas duas horas da tarde de amanhã."

Essas vinte e quatro horas custaram a passar, mas finalmente chegou a hora de Danilo assumir seu nôvo emprêgo. Olhou as horas no relógio exposto numa vitrina, enquanto se apressava pela rua principal. Era 13,30. Com medo de chegar atrasado, estugou o passo ao entrar na Avenida Central, que o levaria ao parque Água Verde, onde se localizava o museu.

"Eh, Danilo!" Alguém chamou; "Espere! Eh, Danilo!"

Voltou-se e viu uma menina e um rapaz de bicicletas. Era seu colega de classe Plínio Pádua e sua irmã Paula.

"Não posso," retrucou por sôbre o ombro, "senão chegarei atrasado no serviço."

Os dois estavam empurrando suas bicicletas mas agora montaram e, pedalando, tentaram alcançar Danilo que ia quase correndo.

"Serviço?" exclamou Plínio ao alcançá-lo. "Quer dizer que você já conseguiu um emprêgo? Onde?"

"No museu." E contou-lhes sôbre seu nôvo emprêgo.

"Ah, mas isto é formidável!" gritou Plínio. "Podemos ir com você e ficar olhando enquanto você as empalha?"

"As borboletas não são empalhadas,") Danilo resmungou contrariado, "a gente **monta** as borboletas."

"Está bem, está bem," replicou Plínio sorrindo, pois estivera sòmente caçoando. "Podemos ir com você? Poderíamos ajudar."

Danilo sacudiu a cabeça. "Não creio que seria aconselhável levar alguém logo no primeiro dia. O sr. Carvalho pode não gostar. Mais tarde, talvez, poderei pedir permissão."

Paula ainda não dissera uma palavra siquer. Ela quase não fala, o que é bastante raro em se tratando de uma menina, pensou Danilo. Mas quando tem algo a dizer, em geral faz sentido, mesmo que tenha só onze anos. Isto também não é comum. Danilo apreciava Paula.

"Está certo," grunhiu Plínio, fingindo-se zangado. "Vá andando e empalhe essas velharias de borboletas sòzinho!" Começou a rir e abanou a mão enquanto se punha a pedalar.

"Até logo, Danilo!" gritou Paula, abrindo a bôca pela primeira vez. "Até mais tarde!"

Danilo se pôs a correr e pouco depois estava subindo a ampla escadaria de pedra que levava à entrada principal do museu.

O sr. Carvalho dava instruções a alguns operários quando Danilo entrou. "Bem, eis o nosso nôvo empregado," foi a saudação do curador," e por sinal, é também pontual. Isto é um bom comêço, Danilo. Eu o atenderei num instante."

Depois de dar ordens aos trabalhadores, o diretor do museu dirigiu-se com Danilo a uma porta marcada com "Sòmente para funcionários" e que dava para um corredor comprido. Lá no fim havia uma porta comum; o sr. Carvalho abriu-a e introduziu Da-

nilo dizendo: "Esta será a sua sala."

"A sua sala." Como estas palavras fizeram Danilo sentir-se importante — ter uma sala só para si! Examinou o cômodo. Era um tanto pequeno e sua única mobília consistia de comprida bancada encostada a uma das paredes, além de uma cadeira de escritório, dessas estofadas em couro e que giram em todos os sentidos. A janela ampla abria para o parque e Danilo pôde ver o pequeno lago com alguns patos chapinhando na água. Contra as outras paredes da sala empilhavam-se grandes caixas de papelão rotuladas com avisos "Cuidado! Frágil!"

"É ali que estão as borboletas?" indagou Danilo apontando para as caixas.

O sr. Carvalho confirmou, "Sim, ali estão as coleções doadas ao museu. Penso que será melhor você obedecer à ordem alfabética; começaremos, pois com a coleção Albanês. O sr. Marcelo Albanês colecionou maripôsas e borboletas durante muitos anos. Acredito que começou a colecioná-las ainda menino, quando era mais jovem do que você, Danilo.

"Quando faleceu seis meses atrás, legou a metade da sua coleção ao nosso museu e a outro ao museu de Castelões. O curador levou uma caixas para a bancada e abriu-a. Dentro dela havia centenas de envelops, cada um dêles contendo uma borboleta.

"Puxa!" exclamou Danilo, fixando o olhar nas caixas. "Devem conter pelo menos um milhão delas!"

O sr. Carvalho reprimiu o riso. "Bem, nem tanto. Calculo que sejam umas dez a quinze mil. Mas mesmo assim será o suficiente para mantê-lo ocupado durante algum tempo.

"O que o senhor vai fazer com tantas borboletas? Danilo tornou a perguntar.

"Oh, uma parte será exposta aqui no museu, e algumas serão emprestadas às escolas para os cursos de História Natural," explicou o diretor. "O restante será utilizado para permutar com outros museus em troca de exemplares que ainda não possuimos."

"Bem", disse Danilo, tirando a jaqueta e dependurando-o nas costas da cadeira. "É melhor pôr mãos à obra."

"Ótimo", observou o sr. Carvalho. "Agora vou mostrar-lhe o que você deve fazer e como fazê-lo."

Depois de ficar só, Danilo atacou a pilha de envelopes. Continham exemplares de todos os tipos, formas, tamanhos e côres. Reconheceu algumas das variedades mais comuns encontradas nos arredores de Bragança, mas a maioria era-lhe completamente estranha.

Devagar e com muito cuidado, retirou uma borboleta de seu envelope e começou a umedecê-la delicadamente com um pincel macio que molhara num copo dágua, como o sr. Carvalho lhe ensinara. Alguns dos exemplares já estavam guardados há muito tempo e se haviam tornado quebradiços. Depois de umedecer uma borboleta, Danilo procurava abrir suas asas, ficando assim pronta para a montagem. Colocava-a então a secar num tabuleiro especial e repetia a operação com a seguinte. Era um trabalho muito delicado e que não podia ser feito às pressas.

Danilo estivera tão absorvido em seu trabalho que não se dera conta do passar das horas. Surpreendeu-se quando, ao olhar o relógio da parede, viu que já eram cinco e quinze. Contou as borboletas prontas coloca-

(Segue na pagina 8)

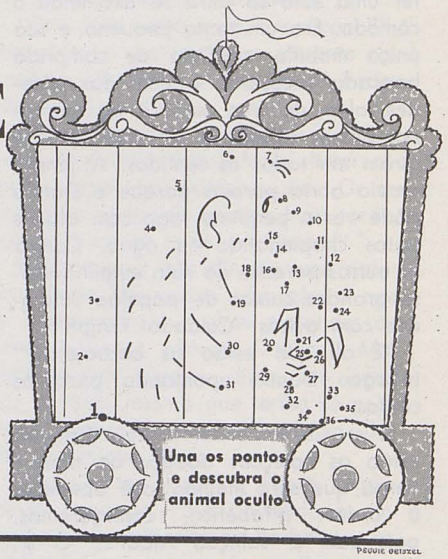
Um Despertar

Linda Ladd

Quando, há menos de um ano, comecei a freqüentar as reuniões da Sociedade de Socorro, foi devido à insistência de uma amiga e vizinha que é um membro ativo da Igreja. Eu então não me considerava o "tipo" de pessoa que pudesse se

ALIMENTE OS ANIMAIS

Peggie Geiszel



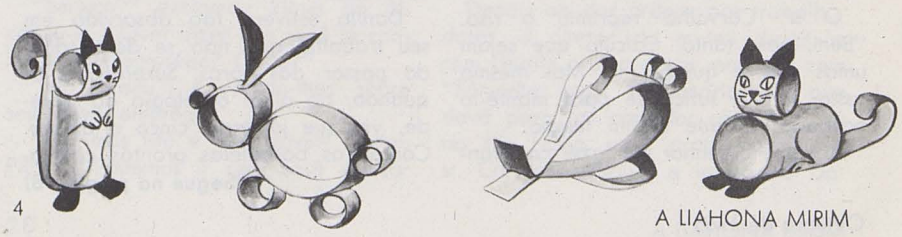
ARRANJE CARTOLINA E FAÇA UM

ZOOLÓGICO

Angele Schulien

Tome uma fôlha de cartolina e corte-a em tiras de 2,5 cm x 30 cm, ou 1,25 cm x 22,50 cm. Use uma tira inteira para o corpo e meia tira para a cabeça e pernas. Cole as pontas sobrepostas com leve camada de cola ou grude, formando argolas. Mantenha-as nesta posição até que a cola tenha secado. Em seguida cole as argolas menores que formarão as pernas, cabeça e rabo, e estará pronto o bichinho.

O processo para fazer o gato é idêntico ao do esquilo, apenas modificando o formato do rabo e das orelhas.



APENAS MENINO

Grace F. Woolhether

Edu, acabando de folhar seu livro sôbre animais, ficou imaginando como não seria divertido ser um dêsses bichos estranhos.

Guardou o livro na estante e foi para a cozinha. Sua mãe acabara de encher o pote com biscoitos fresquinhos. "Pode tirar um punhado," disse-lhe," são tão pequeninos."

Mas a mãozinha de Edu não conseguiu segurar muitos. "Se eu fôsse um polvo," observou, "agora teria oito mãos cheias de biscoitos!" Com um 'muito obrigado' dirigido à mãe correu para brincar lá fora.

"Papai Paparoxo" cantava na macieira perto de um ninho. Edu conseguiu ver a cabecinha da "Mamãe Paparoxo". Será que já estava a chocar aquêles ovinhos azulados tão bonitos? Quantos seriam? "Se eu fôsse uma girafa com aquêle pescoção comprido, conseguiria olhar dentro do ninho," dizia Edu. Nisto ouviu a mãe chamá-lo. "Vem cá, Edu, quero ir com você à loja e comprar-lhe um nôvo par de sapatos."

Na loja, Edu provou diversos pares. Gostava de todos, mas a mãe disse: "Você pode escolher um dêles."

"Se eu fôsse uma centopéia, "pensou, "ganharia cinquenta pares de sapatos!"

Afinal acabou escolhendo um e voltou para casa em companhia da mãe.

Logo que entrou em casa, desembrulhou os sapatos novos. O couro era macio e brilhante, mas Edu decidiu lustrá-los ainda mais com a graxa de sapatos do pai. Esfregou, esfregou, até que os sapatos pareciam um espelho e êle sentia cansado.

"Como estou contente por não ser uma centopéia," refletiu. "Teria que lustrar cinquenta pares de sapatos!"

"Você tem certeza de que lavou suas mãos?" perguntou a mãe.

Edu correu para o banheiro e olhando-se no espêlho notou uma nódoa de graxa no lado do pescoço. Teve que esfregar bastante até conseguir removê-la.

"Ainda bem que não sou girafa, pois teria que lavar aquêle pescoço tão comprido..."

Edu esfregou as mãos. "Como estou feliz por não ser o polvo — já imaginou ter que lavar oito mãos? Penso que é bem mais divertido ser apenas um menino."

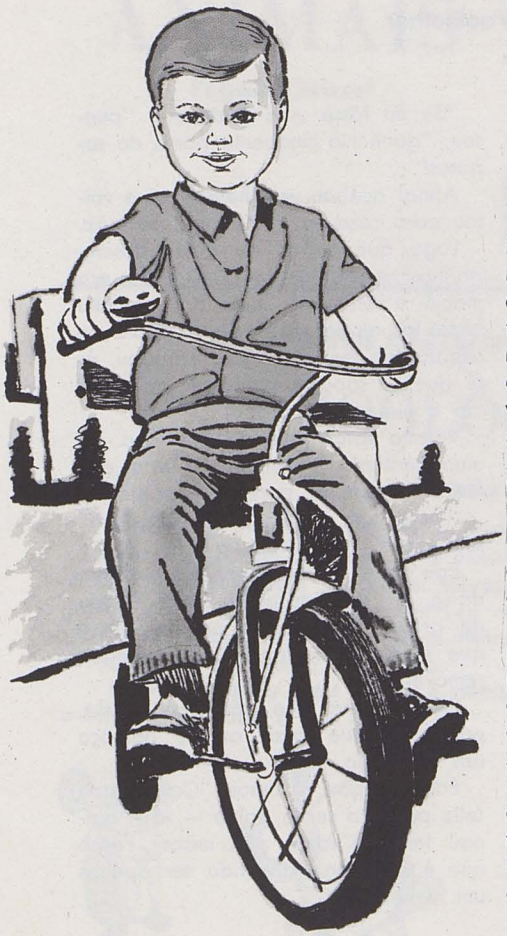
Um Despertar

Linda Ladd

Quando, há menos de um ano, comecei a freqüentar as reuniões da Sociedade de Socorro, foi devido à insistência de uma amiga e vizinha que é um membro ativo da Igreja. Eu então não me considerava o "tipo" de pessoa que pudesse se

3 Avós para Pedro

Katherine W. Moseley



Pedro tinha sua mãezinha, o papai e um cachorrinho chamado Tupi. Possuia ainda um triciclo, um caminhão basculante e o peixinho dourado a quem daria o nome de giló. Mas não tinha vovós — nem uma siquer. A maior parte de seus amiguinhos tinha duas vovós e Pedro achava que as vovós eram simplesmente maravilhosas. Elas contavam histórias, faziam biscoitos e sempre davam presentes. Pedro pensava que, se ter duas vovós já era tão bom, ter três seria ainda bem melhor — uma, para fazer biscoitos, outra, para lhe dar presentes e a terceira lhe contaria histórias.

Como a mãe e o pai de Pedro sempre pareciam ficar tristes quando lhes perguntava pelas vovós, êle decidiu arranjá-las por si mesmo. Lá no fim da rua, numa linda casa, morava a sra. Mendes — ela poderia ser a vovó dos presentes. E havia a sra. Godoi que morava numa casinha tôda coberta de trepadeiras naquela rua sombreada. Ela fazia biscoitos. Mas Pedro não conhecia ninguém que costu-

masse ler ou contar histórias, e ouvir histórias era algo que apreciava mais ainda do que presentes e biscoitos.

Assim, um dia claro e ensolarado, Pedro partiu em seu triciclo, decidido a encontrar suas três vovós. Foi primeiro à casa bonita do fim da rua, onde a sra. Mendes veio ao portão e sorriu para Pedro. Era uma senhora gorda e alegre, justamente como deveria ser uma vovó. "Sra. Mendes, eu não tenho uma única vovó. A senhora não quer ser a minha?" perguntou Pedro. "Por que não, Pedro? Teria muito gôsto e fico-lhe muito agradecida. Por favor, entre." Pedro lá ficou por uma hora e divertiu-se tanto, rindo e brincando com a sra. Mendes, que nem chegou a se lembrar do presente.

Em seguida, Pedro foi à casinha escondida entre as trepadeiras. Quando bateu à porta, a sra. Godoi teve que abri-la com uma só mão, pois a outra estava suja de massa de biscoitos. A casa tôda estava tomada por um cheiro doce e fragrante. Pedro fungou deliciado. "Sra. Godoi, eu tenho sòmente uma vovózinha. A senhora não quer ser a segunda vovó?" indagou Pedro.

"Oh, Pedro, eu adoraria ser sua vovó. Meus netinhos moram tão longe daqui! Vem comigo lá para a cozinha."

Na cozinha havia uma porção de coisas para se comer. E sob o rôlo de massa esperava a massa crua, escura e cheirosa para biscoitos de gengibre.

"Você gostaria de estender a massa?" indagou a sra. Godoi.

Pedro estendia a massa enquanto a sra. Godoi recortava os biscoitos em forma de bonecos e os colocava enfileirados, qual soldados marchando, sôbre os tabuleiros de assar.

Pedro se demorou por mais uma hora. Divertiu-se tanto que nenhuma vez siquer chegou a lembrar-se que não comera um único biscoito.

Quando pedalava para casa, na hora do almôço, parou para conversar um pouco com o sr. Gregório, que tomava sol no alpendre embalando-se na sua cadeira de balanço. O sr. Gregório já era bem velhinho. Tinha os cabelos brancos e um rosto todo enrugado, mas em seus olhos azuis havia um brilho alegre e feliz.

"Bom dia, Pedro. O que você anda fazendo hoje?" perguntou o sr. Gregório.

"Eu andei procurando vovós" respondeu-lhe Pedro. Consegui encontrar duas muito boazinhas, mas preciso de mais uma."

"Puxa, mas isto é uma porção de vovós," observou o sr. Gregório rindo disfarçadamente. "Que espécie de vovós você procura?"

"Uma para dar presentes, outra para fazer biscoitos e uma para contar histórias," Pedro retrucou sem hesitar.

"Bem, Pedro, falando de homem para homem, a tarefa principal das vovós é dar amor, mas você terá que dar-lhes ainda mais amor. E você não deveria querer que apenas façam coisas para você. Pense sôbre o que lhe disse e volte aqui hoje à tarde."

Pedro concordou. Êle já sabia disso! Pois amava tanto a sra. Mendes que pensara em levar-lhe um presente nesta mesma tarde. E também sentia muito amor pela sra. Godoi; queria voltar à casa dela para ajudá-la a estender massa de biscoito — assim ela conseguiria vender mais.

Depois do almôço, Pedro desenhou um quadro para a sra. Mendes com seus lápis de côr, caprichando o máximo que conseguia. Pediu à sua mãe que escrevesse o título, "O cavalo selvagem", pois Pedro adorava cavalos.

Um Despertar

Linda Ladd

Quando, há menos de um ano, comecei a freqüentar as reuniões da Sociedade de Socorro, foi devido à insistência de uma amiga e vizinha que é um membro ativo da Igreja. Eu então não me considerava o "tipo" de pessoa que pudesse se

Depois saiu correndo para a casa da sra. Mendes levando a pintura. O sorriso iluminou o rosto grande e doce da senhora quando lho entregou.

"Eu trouxe êste quadro porque gosto muito da senhora" disse Pedro.

"E eu fiz uns biscoitos para você porque também gosto muito de você. Prove um, "respondeu a sra. Mendes.

Depois que Pedro comeu tantos biscoitos quanto pôde e a senhora Mendes lhe disse que não tinha em casa nenhum quadro mais bonito que "O cavalo selvagem", pois ela também adorava os cavalos, Pedro seguiu para a casinha coberta de trepadeiras.

A sra. Godoi estendeu-lhe os braços dizendo: "Como estou contente que você voltou!"

"Quero ajudar mais um pouco porque gosto muito da senhora" disse Pedro.

"Que bom, eu sempre preciso de ajuda quando estou fazendo doces. Mas primeiro quero dar-lhe um presentinho," respondeu a sra. Godoi.

Levando Pedro ao seu quarto, apontou para um baú. "Aí ainda tem alguns brinquedos que foram do meu filho quando tinha a sua idade. Você pode pegar aquêle que gostar."

O baú parecia estar repleto de brinquedos. Pedro gostou mais de um velho carro de bombeiro vermelho ao qual faltava uma das escadas amarelas. Depois, êle e a sra. Godoi estenderam massa e recortaram mais biscoitos.

O sr. Gregório ainda estava se balançando no alpendre quando Pedro voltava para casa. Pedro parou e mostrou-lhe o carro de bombeiro com uma só escada amarela, e contou-lhe sôbre os biscoitos que comera.

"Você deve ter duas vovózinhas formidáveis," comentou o sr. Gregório.

"Se tenho, e como o senhor me disse eu amo muito as duas. Mas está tudo atrapalhado. Eu não me importo se me dão presentes ou fazem biscoitos para mim. Mas, a vovó que eu pensava me fôsse dar presente, fêz biscoitos, e a vovó dos biscoitos me deu o presente," riu Pedro.

O sr. Gregório riu tanto que chegou a ficar sem fôlego e então disse: "É sempre assim que as coisas acontecem. Agora, se você quiser mais uma vovó atrapalhada, eu serei a sua vovó das histórias. Eu conheço muitas que precisam ser contadas a uma garotinho como você. Sente-se aqui pertinho de mim. 'Era uma vez, há muito, muito tempo. . ."

(Continuação da pagina3)

das sôbre os tabuleiros — vinte e sete. Não parecia muito mas a tarefa não fôra fácil e êle trabalhara com muito cuidado e esmêro.

Procurou uma vassoura e a pá de lixo, e pôs-se a limpar o chão. O Sr. Carvalho dissera que a faxineira cuidaria dessa parte, contudo, aprendera que devia limpar o que sujara em vez de esperar que alguém mais o fizesse. Calculou que levaria uns quinze minutos para deixar tudo limpo e arrumado. Poderia, assim, chegar em casa bem na hora do jantar.

No caminho de casa suspirou exausto — estava realmente cansado, porém feliz. Como era divertido trabalhar no museu! E poderia lá ficar durante todo o verão.

O que Danilo não podia imaginar é que logo estaria metido numa aventura que envolveria "suas" borboletas, uma coisa misteriosa chamada "Morpho" e um ladrão que roubou a mais estranha das mercadorias!

(continua)

A Magia do Esquecer

Sylvia Probst Young

Quando cheguei à casa da minha vizinha, uma senhora de 48 anos, já grisalha, pequena mas rija, ela estava fazendo biscoitos de canela. O odor doce e fragrante que enchia a cozinha, e a expressão alegre da minha amiga, ao enrolar e cortar a massa flexível, fêz-me sentir o prazer de viver e de aquecer-me na simpatia de uma pessoa que a idade tornara mais bela.

Mais tarde, sentadas no alpendre e saboreando os deliciosos biscoitos ainda quentinhos, a observar o sol poente tingir o céu de ouro e rosa, perguntei-lhe qual a mágica que lhe proporcionara tanto prazer de viver.

Quedou-se meditando por um pouco e depois respondeu: "Creio que uma das fórmulas mais importantes para se obter a felicidade é a magia do esquecer. Pois, armazenar as pequeninas mágoas é o que corrói o coração, e por isso, através dos anos tentei sempre esquecer mais do que recordar."

Desde então tenho refletido muito sôbre suas palavras, e cheguei a compreender quão sábia é a sua filosofia. Como é fácil lembrarmo-nos das palavras ásperas, da ingratidão e desconsideração das pessoas que amamos. Como é fácil remoer a acusação injusta, uma observação cruel, uma desfeita aparente, até que, o que poderia ter sido uma ninharia, cresce mais e mais.

Cultivando um ressentimento, duas mulheres que haviam sido boas amigas, passaram longos anos sem falar uma com a outra. E sòmente quando uma delas veio a falecer é que a outra compreendeu com pesar que o que poderia ter sido belo e bom tornara-se feio e sórdido, porque nenhuma delas soubera aplicar a arte do esquecimento.

Posso perdoar, mas não consigo esquecer, — ouvimos com tanta freqüência! Mas, a não ser que esqueçamos a ofensa, não a teremos perdoado, pois o verdadeiro perdão é dado através do esquecimento.

Errar é humano. Tendo isto em mente, será que não poderemos ser mais tolerantes com as faltas alheias, sabendo que também nós somos humanos? E ninguém esteja cultivando amarguras conseguirá colhêr felicidade, pois as duas não podem medrar juntas.

Na verdade, quão sábia é a minha vizinha — voltando as costas ao feio, encontrou o belo. Dela posso aprender uma grande lição e, tentando aplicá-la em minha própria vida, eu me tornarei uma serva mais digna do Senhor.

---

da Igreja, têm-me ajudado incomensuràvelmente na vida diária, e a paciência e a compreensão que são parte da vida das irmãs da Sociedade de Socorro, estão se tornando parte da vida em nosso lar. Tenho ainda um longo caminho a percorrer e muito o que aprender mas, por intermédio desta grande Igreja e desta maravilhosa organização, eu fiz um comêço.

ESCOLA DOMINICAL

ENSINAR É MAIS DO QUE FALAR

Lyman C. Berrett

Tempos atrás, dois meninos atravessavam a rua, quando o menor conseguiu soltar-se da mão do irmão mais velho, correu e foi apanhado por um carro, tendo morte instantânea. Ao responsabilizarem-no pela morte do irmãozinho, os pais impensadamente agravaram o estado emocional já tão sobrecarregado do menino mais velho.

O trauma provocado pela morte súbita do irmão e as acusações paternas, fizeram o rapaz retrair-se para uma concha de isolamento e logo se viu em dificuldades no lar e na escola. O menino exemplar transformara-se num tirano.

As autoridades escolares ameaçaram expulsá-lo devido à sua conduta intolerável e parecia que ninguém conseguiria controlar o menino. Entretanto, uma das professôras da Igreja, demonstrando-lhe um amor sincero e interêsse genuíno, finalmente logrou penetrar a carapaça de isolamento em que se abrigara e gradualmente chegou a descobrir a causa de seus problemas. Com muito cuidado conseguiu captar sua confiança. Antes da reunião final com as autoridades escolares em que se confirmaria a decisão de expulsá-lo, o conselheiro perguntou ao rapaz se havia alguém em quem confiava e que poderia ajudá-lo. Êste, então, indicou a professôra e pediu permissão para que ela pudesse comparecer à reunião a fim de ajudá-lo a explicar suas dificuldades. Logo foi possível chegar-se a um entendimento e com a devida assistência profissional o menino voltou a comportar-se razoàvelmente.

O ponto a salientar nesse incidente, é que uma professôra mostrou-se interessada — preocupou-se em saber mais sôbre o aluno do que sòmente o seu nome; preocupou-se a ponto de procurar conhecê-lo pessoalmente; interessou-se o bastante para envolver-se em sua vida particular. A professôra demonstrou seu amor fazendo algo pelo aluno. Ela teve por êle amor e interêsse suficientes para dar-lhe mais do que uma simples aula.

A maioria dos mestres refletem a filosofia que adotam em suas classes. Os dois polos opostos da tese filosófica sôbre o valor dos jovens poderiam ser expressos pelas afirmações a seguir: (1) "Para o existencialismo, o homem provém do nada, é atualmente quase nada e se destina ao nada." (Truman G. Madsen, **Eternal Man,** pág. 28). (2) Os habitantes da terra são filhos e filhas gerados por Deus, e como tais possuem a capacidade de se tornarem deuses. (vide D&C 76:24)

Provàvelmente seria muito difícil encontrar na Igreja um professor que creia de fato na primeira afirmação, mas a observação nos mostrou que alguns dêles também não crêem na segunda. Parecem adotar a atitude de quem diz, "não importa o que se ensine a êsses garotos; de qualquer forma logo acabarão metidos em alguma dificuldade."

Os psicólogos comprovaram a importância dos ensinamentos do Salvador com referência ao amor. O único mandamento dado pelo Senhor enquanto aqui na terra e que me ocorre de imediato, refere-se ao amor. (vide João 13:34-35 e Mateus 22:34-40). Louis P. Thorpe, um psicólogo declarou: "As necessidades fundamentais do homem... motivam o indivíduo a conduzir-se de modo destinado a obter a satisfação de suas exigências. A natureza humana poderá ser entendida mais prontamente do ponto de vista dessas necessidades e respectiva satisfação. No entanto, a formulação que se segue, nos parece útil como base para o estudo das tendências de conduta: 1. A necessidade de manter o bem-estar físico; 2. A necessidade de obter reconhecimento pessoal como pessoa de valor e importância; 3. A necessidade de sentir segurança, amor, afeição e confôrto." (Louis P. Thorpe, **The Psychology of Mental Health,** págs. 39-40).

Vocês já refletiram sôbre os motivos que levam os alunos a gostarem mais de certas pessoas do que de outras, por que cooperam melhor, confiam mais e chegam a ligar-se mais ìntimamente com elas? As pessoas que conseguem esta afinidade com os jovens são aquelas que lhes demonstram o seu amor. No caso do professor, não é tão importante que êle lhes fale do seu amor, mas sim que demonstre seu interêsse; encorajando, louvando e aprovando é que o mestre consegue influenciar os seus alunos.

Os mestres que amam seus alunos acabam envolvendo-se em suas vidas e atividades. Sabem quando um de seus pupilos recebeu um prêmio e o cumprimentam com sinceridade. Conhecem a data do seu aniversário, e não esquecem de mandar um cartão ou cumprimentá-lo por telefone ou pessoalmente. Os professôres que realmente amam seus alunos, não conseguem manter-se apartados da vida dêles. Um simples mas sincero "muito bem" dito ao aluno que se destacou no jôgo, côro, fanfarra ou teatro, fará com que sinta que seu professor interessa-se e preocupa-se com sua pessoa.

Existem muitas maneiras de um professor demonstrar amor por seus alunos — encorajá-los a viver os padrões da Igreja, defender e permanecer firmes ao lado da decência e do certo, a obedecer a leis e dar bom exemplo, e a dar sempre o melhor de seus esforços. Existem exemplos ainda desconhecidos de verdadeiro heroismo que os professôres poderão utilizar para reforçar seus ensinamentos acêrca dêstes aspectos. Os alunos precisam saber de que não estão sós, que não serão considerados quadrados, idiotas ou simplórios pelo fato de manterem os padrões da Igreja. Os mestres encorajarão seus alunos demonstrando interêsse pelos seus esforços, ou então desencorajá-los, se fracassarem em dar-lhes o devido reconhecimento. Um comentário favorável sôbre os que dão bom exemplo quanto ao modo de vestir, procedimento, padrões ou freqüência, poderá fortalecer a juventude a ponto de transformar uma atitude assumida simplesmente para agradar o professor em algo que perdure por tôda a vida.

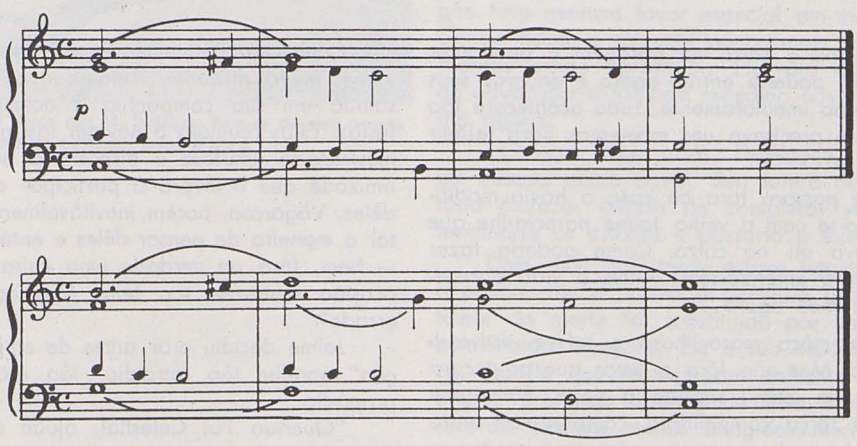
Muitas vêzes se ouve o comentário: "Que importa? A última vez que fiz isto ou aquilo não recebi nem siquer um muito obrigado." O agradecimento é uma simples cortesia que nenhum professor que aprecia seus alunos irá esquecer. Um simples "muito obrigado" será apreciado tanto pelos jovens como pelos mais velhos. É mais do que uma expressão de aprêço — demonstra que alguém interessa-se e preocupa-se conosco e deseja nos agradar e encorajar.

Os professôres que amam seus alunos se lembrarão que ensinar é mais do que expôr o assunto. Os alunos aprendem praticando. Parece-nos que a chave para alunos dedicados é fazer — não apenas o que podem e devem fazer por si mesmos, mas também o que deve ser feito por êles. Isto poderia incluir coisas como encorajá-los a viver os padrões da Igreja; a dar-lhes a oportunidade de prestar serviços; saber o que estão fazendo; mostrar-lhes que são aceitos como pessoas de valor; que são filhos de Deus, possuindo potencialidades divinas e demonstrar-lhes que o seu professor preocupa-se com êles.

O Salvador perguntou a Pedro, "Tu me amas?" Pedro respondeu: "Tu sabes que eu te amo." Então o Salvador lhe disse, "Apascenta minhas ovelhas". Por três vêzes o Mestre indagou de Pedro se o amava, e três vêzes Pedro assegurou-lhe que de fato assim era. E tôdas as três vêzes o Mestre pediu a Pedro que fizesse algo — apascentar suas ovelhas. (vide João 21:15-17)

Professôres da Igreja, façam algo por seus alunos: amem-nos — e para amá-los vocês têm que fazer alguma coisa por êles.

Acompanhamento ao Orgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais para Outubro

Escola Dominical Sênior

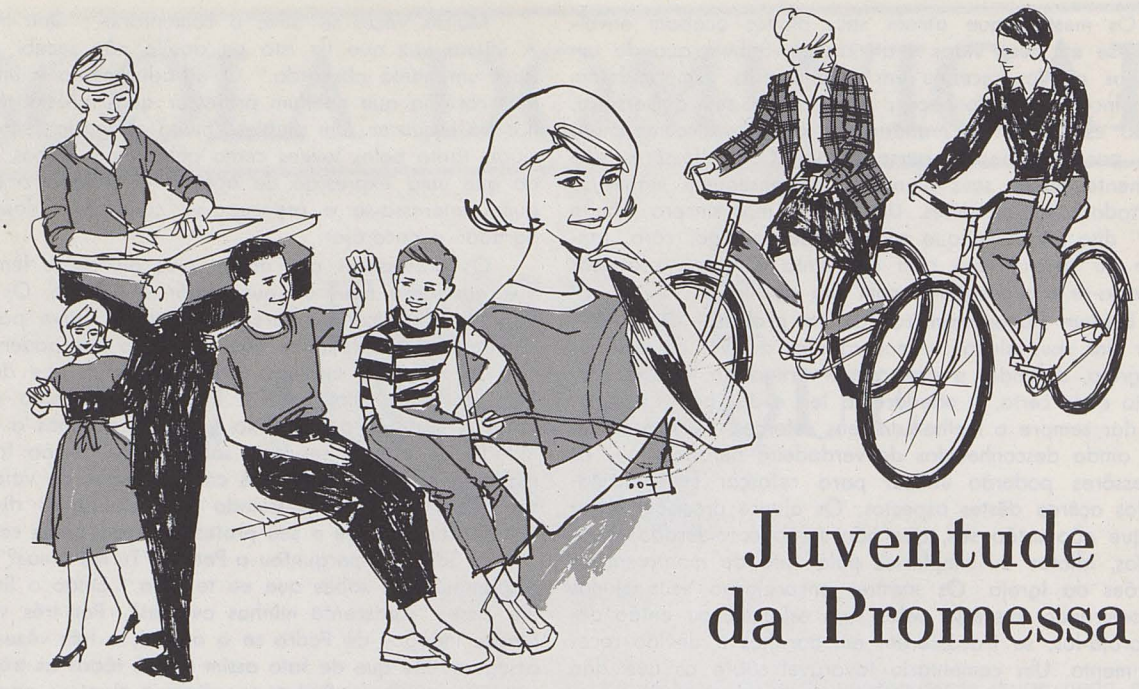
Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma e de todo o teu entendimento.

Mt. 22:37

Escola Dominical Júnior

Tudo o que é bom vem de Deus

Alma 5:48



Juventude da Promessa

Poderia Acontecer a Qualquer Um

Mary Kenworthy

Jaime estacionou o carro na garagem e quedou-se sentado. Não poderia entrar agora e encarar seus pais, pelo menos não imediatamente. Tudo acontecera tão repentinamente que precisava uns momentos para refletir sôbre o que fizera.

O verão que passara fora de casa o havia modificado. Comparando-se com o velho Jaime parecia-lhe que um estranho estava ali no carro. Como poderia fazer com que seus pais o entendessem? Antes a vida parecera-lhe tão simples mas agora...

Béti era uma môça maravilhosa e talvez estivesse mesmo enamorado. Mas não fôra o amor que provocara o que acontecera no último sábado à noite. Fôra uma fôrça maior, uma fôrça compelidora como nunca antes conhecera. Não, não podia crer que acontecera por causa de Béti. Provàvelmente teria acontecido com qualquer outra môça em circunstâncias semelhantes. Afinal, nunca chegara a conviver com gente assim, sob a influência dêsse tipo de pessoas. Haviam-lhe mostrado muito mais sôbre a vida do que julgara pudesse existir. E sentira-se convencido de que desejava partilhar sua maneira de viver. Mas agora, ao ter que encarar seus pais e o que aprendera na sua igreja, as dúvidas começaram a insinuar-se em sua mente.

Os momentos que antecederam ao que acontecera voltaram à sua mente com nitidez...

Conhecera Béti numa reunião social e achara-a uma jovem muito atraente. Antes que se desse conta, estava saindo em sua companhia e acompanhando-a às suas festas. Estas reuniões o haviam fascinado. O pessoal todo mostrara-se amistoso e disposto a aceitá-lo. E fôra essa amizade que o levara a participar das outras atividades dêles. Vagarosa, porém inevitàvelmente, começara a adotar a maneira de pensar dêles e então no sábado à noite — bem, fôra na verdade uma coisa inevitável. Naquela ocasião sentira-se tão feliz! Mas agora, o que estaria errado?

Jaime decidiu orar antes de entrar. A palavra "oração" soa-lhe tão estranho, tão esquisitamente fora de propósito...

"Querido Pai Celestial, ajude minha família a fim de que consiga aceitar-me."

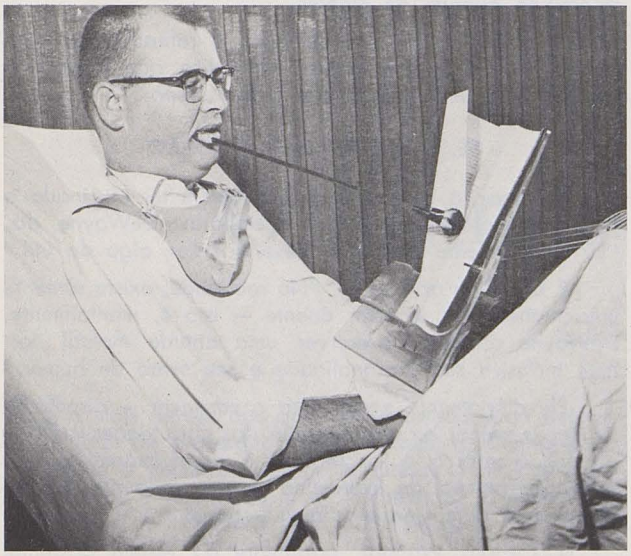
E aos poucos começou sentir-se mais encorajado. O que fizera estava feito, não poderia voltar atrás. Nem mais necessitava que fôsse de outra forma.

Pulou do carro ràpidamente e correu a encontrar sua família. Depois dos abraços e beijos, tomou fôlego, endireitou os ombros, e com os olhos marejados de lágrimas falou:

"Mamãe, papai, eu não estou certo se conseguirão compreender-me quando eu lhes contar o que fiz. É contrário a tudo o que jamais aprendi. Mas refleti maduramente e me decidi. Eu me batizei na Igreja Mórmon!"

O Fôgo do Ourives

Marion Bench



Para virar as páginas dos livros que lê, Sudekum Vale-se de uma vareta com ponta de borracha presa à bôca.

A vida de DeWayne Sudekum, de 39 anos de idade, ilustra maravilhosamente muitos dos princípios do Evangelho. Sua vida é excepcional devido ao muito que alcançou a despeito das dificuldades que enfrenta e que em muitos de nós teriam provocado apenas apatia e auto-comiseração.

Há quinze anos que DeWayne está completamente paralítico do pescoço para baixo. E desde que está nesse estado já ocupou quatro cargos diferentes na Igreja: professor do quorum de élderes, professor da classe de investigadores, professor da classe de teologia (durante cinco anos) e, presentemente, assistente do superintendente da Escola Dominical da terceira ala de El Cajon, da estaca ocidental de San Diego. Êle nunca teve dúvidas quanto a aceitar êsses chamados.

Além disso, desde que ficou paralítico, tornou-se advogado ativo. Freqüentou o curso noturno de Direito da Universidade de San Diego. Depois de quatro anos, há dois anos agora, diplomou-se com distinção. Um dos seus ex-colegas recorda que seus companheiros de classe sentiam grande admiração por DeWayne.

No ano passado êle foi aprovado no exame estadual e foi admitido como advogado habilitado. Ser aprovado nesta prova não foi fácil, pois durante o exame não teve nenhum favor especial em virtude de sua deficiência física; e sòmente pouco mais da metade dos candidatos logrou aprovação. Êle está formando sua banca de advocacia e foi bem sucedido nos casos que defendeu até agora.

Catorze anos atrás, DeWayne, recém-casado, era um ousado pilôto naval. Seu futuro delineava-se-lhe com tôda clareza: depois de completar seu serviço militar, terminaria os estudos e passaria a exercer sua profissão.

Dois anos mais tarde estava lutando para sobreviver à poliomielite e contra a paralisia que o imobilizara. O temor da morte foi substituído por um problema talvez bem maior: e agora? Êle e sua espôsa viram-se perante um desafio que conseguiram enfrentar com fé, coragem e uma profunda filosofia de vida. Emerald, sua espôsa, recorda homens menos atingidos morrendo no hospital, e acha que isto acontecia porque não tinham objetivos. DeWayne diz que foi "a velha e boa doutrina do progresso eterno dos mórmons" que o manteve vivo.

CONDUTA E ATITUDES

Nós aprendemos a conhecer uma pessoa observando o que ela faz, porque as pessoas se revelam por sua conduta. A conduta é determinada pelas atitudes e De Wayne crê que, "todos nós temos o dever, para conosco e para com os outros, de aprender e fazer o máximo que

nos fôr possível." No seu caso, isto significou levar avante seu plano ambicioso de praticar a advocacia e tornar-se um obreiro efetivo na Igreja.

Êle possuia boa inteligência e muita determinação, mas teve que vencer mais obstáculos em virtude da sua incapacidade física. A Administração dos Veteranos achava que estava por demais incapacitado para poder continuar seus estudos superiores e negou-lhe o financiamento. Então propôs-lhe um trato — se conseguisse acompanhar um certo número de aulas, êles reconsiderariam sua decisão e lhe permitiriam cursar a Faculdade de Direito. Começou a estudar, e seus métodos de estudo eram simples: esfôrço contínuo.

Sua rotina diária habitual enquanto cursava a faculdade era: acordar cedo e estudar até que sua espôsa tivesse mandado a filha para a escola. Então era lavado, barbeado e alimentado. Voltava aos estudos até a hora do almôço, descansava um pouco após a refeição, e retornava ao trabalho. Nos dias ensolarados por vêzes conseguiam atraí-lo ao páteo onde descansava um pouco.

Enquanto ainda estudava, os Sudekums planejaram e construiram seu lar em função das suas condições físicas, com corredores e entradas bem largas e rampas substituindo as escadas. No seu dormitório há uma cama especial oscilante que parece uma pequena cadeira de barbearia. DeWayne não consegue respirar normalmente devido ao diafragma paralizado. Tem que forçar o ar para dentro dos pulmões bombeando-o com a musculatura da garganta. Esta técnica respiratória é um tanto audível, mas não afeta o falar. Sua cama oscila durante a noite permitindo-lhe respirar enquanto dorme.

Enquanto trabalha, tem um tabuleiro para apoiar os livros, atravessado sôbre seu tronco e braços. As páginas, êle as vira com auxílio de uma vareta munida com ponta de borracha que segura entre os dentes.

Está sempre alerta, sorridente — e suas respostas nunca se fazem esperar. Emerald conta sorrindo como costuma divertir-se perseguindo-a pela casa tôda em sua cadeira de rodas motorizada e que maneja com o queixo.

É UM ÓTIMO PROFESSOR

Após lecionar com sucesso na Igreja durante quase quinze anos, DeWayne nos conta algo sôbre seus métodos:

1. Leciona com o auxílio de um esbôço escrito. Os pontos específicos a serem abordados devem ser expostos numa seqüência lógica que nos conduzirá ao ponto principal, e isto não será possível confiando apenas na memória.

2. Emprega um mínimo de duas horas semanais na preparação. Ainda que o professor possa contar com grande soma de conhecimentos, não é aconselhável confiar exclusivamente no que já sabemos.

3. Acredita que a apresentação lógica é essencial quando os ouvintes são pessoas adultas e sempre procura cuidar dêsse aspecto em particular.

4. Êle escolhe um ponto chave em cada lição. De modo geral, os alunos não conseguem apreender mais de um conceito básico em cada aula.

5. Êle enfrenta cada uma de suas aulas com espírito de devoção. "Não existe na Igreja um só professor que consiga ensinar sem o auxílio da oração. Disto eu tenho plena certeza."

6. Prefere dirigir as perguntas diretamente aos alunos, em vez de esperar a participação voluntária. Com isto consegue orientar os debates.

7. Procura ser flexível; acha que em certas situações os assuntos devem ser abordados de maneira diversa.

"Uma das coisas que me impressionou no ensino — nossa inspiração não é invariável. E ninguém conseguirá pregar os princípios do Evangelho sem o auxílio da inspiração." E conclui que esta, nós obtemos através da oração.

Quando precisa empregar auxílios visuais, pede a ajuda de terceiros. Um dos élderes, por exemplo, encarregava-se de certos trabalhos de impressão enquanto lecionou no quorum de élderes.

O irmão Sudekum é colocado e retirado do carro com o auxílio de um macaco hidráulico que o desloca por meio de uma linga prêsa a seu corpo.

FÉ, CORAGEM E CONVICÇÃO

Há anos já que os Sudekum devem ter eliminado a palavra "desânimo" de seu dicionário. DeWayne diz, "Eu simplesmente senti que deveria fazer algo de útil."

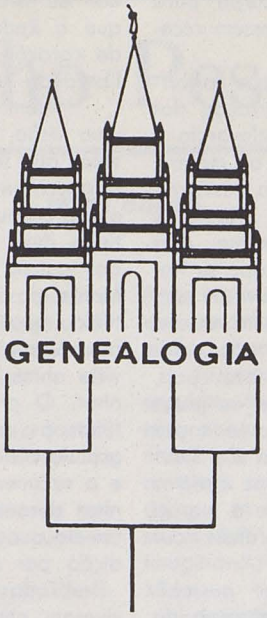
E a espôsa acrescenta, "Na realidade, existe sòmente uma maneira de se estar doente — isto é, mentalmente. DeWayne conseguiu preservar uma atitude mental normal, inclusive sua personalidade e seu senso de humor."

Êle diàriamente exemplifica a **coragem** — disposição de dar o melhor de si a despeito das dificuldades; a **fé** — aliada ao esfôrço, o faz realizar o quase impossível; e a **aplicação pessoal do Evangelho** — assumindo atitudes salutares que determinarão sua vida futura.

J. Clifford Wallace, presidente da estaca ocidental de San Diego diz: "As grandes adversidades parecem trazer à tona o desânimo mais abjeto, ou então, qual chama purificadora, fazer ressaltar no homem algumas das suas melhores qualidades. A segunda hipótese resultou da paralisia que atingiu DeWayne. Eu já o conhecera antes da sua enfermidade, ajudei a administrá-lo na noite em que adoeceu, tenho acompanhado sua luta heróica pela sobrevivência e reabilitação, e agora somos vizinhos e amigos íntimos.

"Êle desenvolveu em si o verdadeiro sentido da vida, uma sabedoria e uma percepção das necessidads alhias, que pude aprender melhor ao visitar suas aulas de teologia. Os estudantes aprendem enquanto os desafiam a pensar — sempre instilando nêles seu firme testemunho quanto à bondade de Deus e à veracidade da restauração."

Os problemas exigem que tenhamos um modo de pensar que consiga explicar o lugar do homem dentro da natureza. Sua espôsa salienta que, "esta vida é apenas uma pequena parte da nossa progressão total." Os Sudekum aprendem que o Evangelho de Jesus Cristo é uma maneira de viver que nos proporciona a felicidade e que pode ajudar-nos a sobrepujar a adversidade.



O Mundo Espiritual

Há mais de um ano que viemos insistindo na necessidade de prosseguir com o trabalho genealógico e completar a reunião da família inteira. Temo-nos regozijado com a fidelidade dos membros da Igreja e com seu desejo de completar esta obra preciosa.

Ao meditar sôbre qual o assunto que poderíamos abordar neste artigo, lembramo-nos das palavras do presidente Joseph F. Smith, o sexto presidente da Igreja. Citaremos algumas passagens de um de seus sermões inspirados que dirigiu aos Santos.

"No dia 3 de outubro de 1918, estava no meu quarto a meditar sôbre as Escrituras e refletia sôbre o grande sacrifício expiatório oferecido pelo Filho de Deus para a redenção do mundo, o enorme e maravilhoso amor manifestado pelo Pai e pelo Filho, com a vinda do Redentor a êste mundo, e que através da sua expiação e pela obediência aos princípios do Evangelho, a humanidade poderia ser salva.

"Enquanto assim meditava, meus pensamentos se voltaram para as palavras do apóstolo Pedro, dirigidas aos primeiros santos. Abri a Bíblia e reli o terceiro e quarto capítulos da primeira epístola de Pedro, e ao fazê-lo, senti-me mais impressionado, com as seguintes passagens, do que jamais me sentira:

"Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto sim, na carne, mas vivificado no espírito.

"No qual também foi e pregou aos espíritos em prisão,

"Os quais noutro tempo foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos através da água." (I Pedro 3:18-20)

"Pois para êste fim foi o Evangelho pregado também aos mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus." (I Pedro 4:6)

"Ao meditar sôbre o que alí achara escrito, os olhos do meu entendimento foram abertos, o Espírito do Senhor pousou sôbre mim, e eu pude ver as legiões dos mortos, grandes e pequenos. Em certo lugar estava reunindo um grupo incontável de espíritos dos justos, que haviam sido fiéis ao testemunho de Jesus enquanto viveram na mortalidade, que haviam oferecido sacrifícios à semelhança do grande sacrifício do Filho de Deus e sofrido tribulações em nome de seu Redentor. Todos êsses espíritos havíam deixado esta vida mortal na firme esperança de uma ressurreição gloriosa através da graça de Deus, o Pai, e de seu Filho Unigênito, Jesus Cristo.

"Vi que estavam cheios de júbilo e felicidade, e juntos, regozijavam-se porque o dia da libertação estava próximo. Achavam-se reunidos à espera da vinda do Filho de Deus, a fim de qu os declarasse libertos dos laços da morte. O pó de seus restos mortais seria restaurado em sua perfeita forma, cada osso em seu lugar, e sôbre êles,

os tendões e a carne, reunidos o espírito e o corpo, para nunca mais se apartarem, para que assim pudessem receber a plenitude da felicidade.

"Enquanto esta enorme multidão aguardava e conversava, regozijando-se com a obra da sua libertação dos laços da morte, o Filho de Deus apareceu, declarando a libertação dos cativos que haviam sido fiéis, e ali mesmo, pregou-lhes o Evangelho eterno, a doutrina da ressurreição, da redenção da humanidade do pecado original e dos pecados pessoais, através do arrependimento. Mas não visitou os iníqüos; os maus e impenitentes que se haviam corrompido enquanto na carne não ouviram sua voz; os rebeldes que haviam rejeitado os testemunhos e as admcestações dos profetas antigos também não notaram sua presença, nem puderam ver a sua face, pois, onde estavam reinava a escuridão; mas, entre os justos reinava a paz, os santos rejubilavam-se com sua redenção e dobraram os joelhos, reconhecendo o Filho de Deus como seu Redentor e Salvador da morte e das cadeias do inferno. Seus semblantes estavam radiantes e a luz da presença de Deus caiu sôbre êles e êles cantaram louvores ao seu santo nome.

"Eu percebi que o Senhor não foi pregar pessoalmente aos iníqüos e desobedientes que haviam rejeitado a verdade; mas pude observar que escolheu seus combatentes entre os justos, e designou mensageiros, revestidos de poder e autoridade, comissionando-os para que fôssem levar a luz do Evangelho àqueles que se encontravam nas trevas, mesmo a todos os espíritos dos homens. E dessa forma o Evangelho foi pregado aos mortos. E os mensageiros escolhidos se puseram a anunciar o dia benvindo do Senhor e a proclamar a libertação dos cativos; mesmo a todos os que se arrependessem e aceitassem o Evangelho. Assim, o Evangelho foi pregado àqueles que haviam morrido com seus pecados sem conhecerem a verdade, ou na transgressão, por terem rejeitado os profetas. A êles foi ensinado a fé em Deus, o arrependimento dos pecados, o batismo vicário para a remissão dos pecados, o dom do Espírito Santo pela imposição das mãos e todos os outros princípios do Evangelho que precisavam conhecer a fim de que pudessem habilitar-se ao julgamento segundo o homem na carne, mas viver no espírito segundo Deus.

"Dêsse modo, foi dado a conhecer aos mortos, grandes e pequenos, injustos e fiéis, que a redenção nos foi facultada através do sacrifício do Filho de Deus que se deixou pregar na cruz. Assim, foi-lhes dado a conhecer que nosso Redentor empregou sua estada no mundo espiritual, para instruir e preparar os espíritos fiéis dos profetas que sôbre êles testificaram enquanto na carne, para que pudessem levar a mensagem da redenção a todos os mortos, que devido à rebelião e transgressões, êle não poderia visitar pessoalmente, a fim de que também pudesse ouvir suas palavras através do ministério de seus servos.

"Entre os grandes e poderosos que se achavam reunidos nesta vasta congregação dos justos, encontravam-se: o Pai Adão, o Ancião de Dias, o pai de todos, e nossa gloriosa mãe Eva, em companhia de muitas das suas filhas fiéis que viveram através das eras e adoraram o verdadeiro Deus vivo. Abel, o primeiro mártir, e seu irmão Sete, um dos poderosos e a imagem viva de seu pai Adão. Noé, que predisse o dilúvio; Sem, o grande sumo-sacerdote; Abraão, o pai dos fiéis; Isaque, Jacó e Moisés, o grande legislador de Israel; Isaías, que nos anunciou a profecia de que o Redentor foi ungido para curar os quebrantados de coração, proclamar libertação aos cativos e pôr em liberdade os algemados.

"Além dêstes, lá estavam: Ezequiel a quem, durante uma visão, foi mostrado um grande vale cheio de ossos secos que seriam revestidos novamente de carne para que surgissem na ressurreição dos mortos; Daniel, que previu e profetizou o estabelecimento do reino de Deus nos últimos dias, e que nunca mais seria destruído nem dado aos outros povos; Elias, que estava junto de Moisés no Monte da Transfiguração; Malaquias, o profeta que testificou quanto à vinda do profeta Elias — de quem também Moroni falou a Joseph Smith — declarando que êle viria antes da chegada do grande e terrível dia do Senhor. O profeta Elias deveria plantar no coração dos filhos as promessas feitas a seus pais, prenunciando a grande obra que seria feita para a redenção dos mortos e o selamento dos filhos a seus pais, nos templos do Senhor durante a Dispensação da Plenitude dos Tempos, a fim de que a terra não seja ferida e devastada pela maldição por ocasião da sua vinda.

"Todos êsses, e muitos mais, e também os profetas que viveram entre os nefitas e testificaram a vinda do Filho de Deus, participavam desta numerosa assembléia, aguardando a libertação, pois os mortos consideravam o longo apartamento entre espírito e corpo como um cativeiro. A êstes, o Senhor pregou e deu-lhes o poder de, após a sua ressurreição, também ressurgirem e entrarem no reino de seu Pai, para ali serem coroados com a imortalidade e a vida eterna, continuarem dali por diante a trabalhar conforme lhes fôra prometido pelo Senhor, e partilharem de tôdas as bênçãos reservadas para os que o amam.

"O profeta Joseph Smith, meu pai Hyrum Smith, Brigham Young, John Taylor, Wilford Woodruff e outros espíritos eleitos, que haviam sido reservados para virem na plenitude dos tempos a fim de participarem da fundação da grande obra dos últimos dias, inclusive na construção dos templos e na realização das ordenanças para a redenção dos mortos, também se achavam no mundo espiritual. Pude observar que se encontravam dentre os grandes e nobres espíritos escolhidos desde o princípio para serem os dirigentes da Igreja de Deus. Mesmo antes de terem nascido, êles e muitos outros, receberam suas primeiras lições no mundo espiritual, sendo preparados para, no devido tempo, trabalharem na seara do Senhor para a salvação das almas humanas.

"Vi ainda que os élderes fiéis desta dispensação, quando deixam esta vida mortal, continuam pregando o Evangelho do arrependimento e da redenção, através do sacrifício do Filho Unigênito de Deus, entre os que se encontram nas trevas e sob a escravidão do pecado no grande mundo dos espíritos dos mortos. Os mortos que se arrependerm serão redimidos através da obediência às ordenanças da casa do Senhor, e depois de terem cumprido as penalidades impostas em virtude de suas transgressões, e estarem limpos, receberão a recompensa de acôrdo com as suas obras, pois são herdeiros da salvação.

"Esta foi a visão sôbre a redenção dos mortos que me foi revelada, e eu presto meu testemunho, sabendo que é verdadeiro, através da bênção do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Amém (Gospel Doctrine, pp. 597-601)

O Velho Pescador

Mary Bartels

Nossa casa ficava bem defronte da entrada para a clínica do Hospital John Hopkins, de Baltimore. Nós ocupávamos o pavimento térreo da casa e alugávamos os quartos do primeiro andar a pacientes externos da clínica.

Numa noite de verão, enquanto preparava o jantar, bateram à porta. Atendi e deparei com um homem já idoso, de aspecto realmente medonho.

"Ora essa," pensei, "meu pequeno de oito anos tem quase a altura dêle," ao examinar aquela figura curvada e engelhada.

Entretanto, o mais assustador era o seu rosto, desfigurado pelo edema, a pele vermelha, ulcerada.

Sua voz, porém, soava doce ao cumprimentar-me: "Boa noite, queria perguntar se acaso a senhora tem um quarto que poderia ceder-me por apenas uma noite. Vim da costa oriental hoje cedo para o tratamento e não há condução senão amanhã."

Contou-me que estivera à procura de pousada desde o meio dia, mas nada conseguira. "Penso que seja por causa do meu rosto. Eu sei que está horrível, mas o médico disse que com mais algumas aplicações..."

Hesitei por uns instantes, mas o que disse em seguida logo me fêz mudar de idéia: "Eu posso dormir na cadeira de balanço aqui no alpendre, meu ônibus parte bem cedinho."

Disse-lhe que iria arranjar uma cama e que, enquanto isso, poderia descansar na varanda. Entrei para terminar a nossa refeição e então convidei o velhinho a jantar conosco.

"Oh não, mujto obrigado. Tenho aqui o suficiente para mim," apontando para um cartucho de papel.

Quando acabei de lavar os pratos, fui à varanda e conversei um pouco com êle. Logo percebi que o corpo mirrado daquele ancião encerrava um grande coração.

Contou-me que vivia da pesca e sustentava uma filha, cinco netos e o genro que estava irremediàvelmente entrevado em virtude de um ferimento na coluna vertebral. Mas não o fêz em tom de queixa e no mais não esquecia de agradecer a Deus pelas bênçãos recebidas. Sentia-se grato que seu mal, aparentemente uma forma de câncer da pele, não lhe causava dôres e agradecia a Deus por lhe conceder fôrças para continuar trabalhando.

Na hora de recolher, armei uma cama de campanha no quarto das crianças. Quando levantei na manhã seguinte, encontrei a roupa de cama dobrada cuidadosamente e o velhinho já esperava no alpendre. Recusou o desjejum, mas pouco antes de partir indagou hesitante, como que solicitando um grande obséquio: "Por favor, posso voltar a pernoitar aqui na semana que vem, quando vier para nôvo tratamento? Eu não quero causar-lhe transtôrnos — posso dormir muito bem numa cadeira." Após um momento prosseguiu: "Suas crianças fizeram com que me sentisse à vontade. Os adultos se chocam com a minha aparência, mas as crianças parecem não ligar."

Respondi-lhe que seria sempre benvindo. Na viagem seguinte, êle chegou pouco dpois das sete horas da manhã, e nos trouxe de presente um belo peixe e um punhado de ostras, as maiores que já vira. Disse-me que as tirara das conchas bem cedinho antes de sair, a fim de que se conservassem frescas e gostosas. Sabendo que seu ônibus partia às quatro horas da madrugada, fiquei imaginando a que horas não teria acordado para fazê-lo.

durante os anos em que veio periòdicamente pernoitar lá em casa, nunca deixou de nos trazer peixes, ostras ou legumes da sua horta.

Costumava também nos mandar peixes e ostras pelo correio, sempre com taxa expressa, e acondicionados numa caixa entre fôlhas de agrião ou couve, lavadas escrupulosamente. O fato de saber que precisava caminhar uns cinco quilômetros até a agência do correio, além de ser tão pobre, duplicava o valôr dêsses presentes.

Ao receber essas pequenas lembranças, freqüentemente me lembrava do comentário da minha vizinha, depois da sua partida naquela primeira manhã. "Você teve a coragem de recolher êsse homenzinho horroroso ontem à noite? Eu o mandei embora. Aceitando êsse tipo de gente você poderá perder os outros hóspedes."

E talvez tenhamos perdido um ou dois. Mas se êles o tivessem conhecido, talvez viessem a suportar mais fàcilmente os seus males. Eu sei que minha família sempre se sentirá grata por tê-lo conhecido, pois com êle aprendemos o que é aceitar o mal sem lamentações e agradecer a Deus o bem que nos concede.

Recentemente, visitei uma amiga que possui uma estufa para plantas. Ao exibir-me suas plantas, chegamos, enfim, à mais bela de tôdas — um pé de crisântemo, cheio de flôres douradas. Para minha surprêsa, medrava num velho balde, todo amassado e enferrujado. Pensei lá comigo, se fôsse minha eu a poria no vaso mais bonito que pudesse ter. Mas logo mudei de opinião.

"Fiquei sem vasos," explicou-me minha amiga," e sabendo quão bela iria ficar, achei que não faria mal plantá-la provisòriamente nesta lata velha. Será só por um pouco, até que possa replantá-la no meu jardim."

Por certo ficou admirada quando ri com tanto gôsto, mas estava imaginando uma cena semelhante lá no céu. Possìvelmente Deus, ao encontrar a alma do velho pescador teria dito: "Eis aqui uma alma particularmente bela; ela por certo não fará caso em ficar provisòriamente nesse corpo pequeno."

Mas isto tudo se passou há muito, muito tempo, e como não estará crescida aquela alma nos jardins de Deus!

Revolucione as suas aulas, valha-se de

Recursos Áudio-Visuais

Victor Hugo da Costa Pires
1.º Conselheiro da Presidência da Missão Brasileira

Todos nos lembramos de nossos tempos de escola, da velha e conhecida lousa, dos grãos de milho e de feijão para as aulas de aritmética, dos cartazes de geografia e história.

Hoje, entretanto, o ensino está mudando. Veja. Indague de seus filhos. Nós, membros da Igreja, que somos chamados constantemente para ensinar o Evangelho, precisamos atualizar nossos métodos de ensino, com urgência.

VOCÊ foi chamado para ministrar aulas compreensivas. Não se esqueça: "se o aluno não aprendeu, nada foi ensinado".

a) **LOUSA E GIZ** requerem certos cuidados para um resultado eficaz.
Vejamos:
1 — use giz de várias côres
2 — verifique se o apagador está preparado
3 — não apague com a mão ou com os dedos
4 — aproveite, com método, **tôda** a lousa: letras legíveis até para a última carteira; o quadro negro deve apresentar, ao fim da aula, um resumo EM ORDEM daquilo que foi ensinado. Isso facilitará as anotações dos alunos e permitirá a recapitulação dos assuntos tratados, antes de terminar a aula. **Evite,** portanto, anotações em desordem, bem como espaços perdidos que obrigam a apagar antes do fim da lição.
5 — Se você desenha bem, acrescente gráficos e esbôços.
6 — Para desenhos mais complicados, prepare a lousa com antecedência, riscando com lápis (só visível para você). Vá, então, cobrindo as linhas com giz.

b) **CARTAZES** utilizados com propriedade, junto com a lousa, podem realizar o ideal, sem grandes gastos nem aparelhagem complicada.
1 — cada assunto ou item exige, geralmente, **um** cartaz de tamanho adequado (pelo menos 50 x 70 cm) para uma classe de 15 a 20 alunos.
2 — use cartazes coloridos
3 — as palavras devem ser bem legíveis
4 — utilize colagens de recortes e revistas e mesmo de palavras impressas. O professor cuidadoso seleciona recortes de revistas para o preparo de aulas futuras.
5 — utilize guache ou pincel mágico. Na falta, pode-se utilisar anil comum, dissolvido em água até formar uma pasta. A essa pasta acrescenta-se goma arábica.

c) **FLANELÓGRAFO** ou quadro de flanela consta de cartolina grossa, montada em 3 pedaços iguais de 35 x 70 e unidos, por trás, com tiras de pano ou esparadrapo, o que permite dobrá-lo para o transporte. A parte da frente é revestida com flanela escura, onde se colocam as figuras.
1 — figuras recortadas de revistas ou desenhadas, coloridas, são coladas sôbre lixa n.º zero ou sôbre papel feltro. Depois de secas, recortam-se os contornos.

d) **PROJETOR DE SLIDES** — na maioria de nossas capelas existem projetores fixos que, durante o dia (na Escola Dominical, por exemplo) não podem ser usados por não haver possibilidade de se escurecer o ambiente. Procure adquirir, então, uma tela transparente de acrílico, nas casas de cinefoto e projete slides à vontade, à luz do dia, do seguinte modo: a tela é pequena (50 x 70 cm) e você projeta **por trás,** a curta distância. Por isso a imagem é clara e visível em plena luz do dia. Êste método tem a vantagem de colocar o professor — VOCÊ — de frente para a classe.

e) **RETROPROJETOR.** Êste é uma ajuda inestimável. Não custa muito mais caro do que um bom projetor de slides e permite que o professor projete, à luz ambiente, qualquer imagem transparente. As aulas são preparadas em folhas de celofane ou acrílico ou, então, em rolos contendo todos os assuntos da aula. Pode ser usado para desenhos na hora, sôbre o celofane, com pincel mágico ou tinta (ou caneta hidrográfica).
O professor fica de frente para a classe. Tudo que é desenhado ou mostrado projeta-se na tela, às suas costas.

RESUMINDO: utilize melhor os recursos que seu ramo ou ala possui. As escolas estão se organizando ràpidamente com os meios de ensino modernos e práticos.

VOCÊ, que ensina as lições do Evangelho, não pode usar métodos ineficientes e cansativos ou preparar suas aulas sem os cuidados mais especiais.

Você ensina o Evangelho — o bem mais precioso, as Boas Novas para a humanidade.

Quatro mil e quinhentos anos atrás, os egípcios obtinham o suco da uva espremendo-as num saco, conforme mostra êste baixo-relêvo.

Vinho Nôvo e Vinho Velho

Aprovam as Escrituras o uso de bebidas alcoólicas?

Hélio da Rocha Camargo

Certamente um dos episódios mais conhecidos e citados da vida de Jesus Cristo, é o milagre da transformação da água em vinho na festa de casamento a que fôra convidado em Caná da Galiléia; ocasião em que, mediante intervenção prodigiosa deu início aos sinais com que assombraria o mundo, e demonstraria sua natureza divina.[1]

Ora, se o próprio Salvador perpetrou aquêle milagre para dar início a seu maravilhoso ministério, e se ainda no encerramento de sua carreira terrena, ao despedir-se dos discípulos, instituiu o sacramento da Santa Ceia em memória de seu sacrifício, com o uso do vinho; com que autoridade os mórmons, que a si próprios se chamam Igreja de Jesus Cristo, condenam o uso do vinho e afirmam que a sua "Palavra de Sabedoria" procede do mesmo Jesus Cristo aconselha a abstinência de bebidas alcoólicas?

Muitas vêzes tenho ouvido ataques à posição da Igreja a êste respeito, sob a alegação de que os profetas modernos querem ser mais realistas do que o próprio Rei. Não era o Senhor Jesus conhecido entre os seus contemporâneos como um homem de vida social intensa, a ponto de dizerem dêle: "Eis aí um homem comilão e beberrão..."?[2] Certamente, nem mesmo os mais liberais chegariam a endossar essas palavras, mas afirmar que o Senhor também era muito liberal com essas coisas, isso afirmam com convicção.

Contradições nas Escrituras?

É interessante notarmos que as Escrituras Sagradas parecem desconcertantemente incoerentes no que respeita ao uso de bebidas alcoólicas. O livro de Eclesiastes, por exemplo, tradicionalmente atribuído a Salomão, recomenda: "Vae, pois, come com alegria o teu pão e bebe com bom coração o teu vinho, pois já Deus se agrada das tuas obras."[3] Como se explicaria que o grande sábio esquecessa tão depressa seu próprio conselho, a ponto de escrever no livro dos Provérbios: "O vinho é escarnecedor, e a bebida forte alvoroçadora..."?[4] Que confusão é essa, ó orgulho de Israel, seria o caso de Deus já se agradar dos escarnecedores e louvar os que se alvoroçam? E que dizer então do conselho mais adiante registrado no mesmo livro: "Não é próprio dos reis... beber vinho, nem dos príncipes desejar bebida forte"?[5]

Dar-se-ia o caso de serem de autores diferentes as expressões acima citadas? É bem possível. Mas em que situação ficaríamos ante a afirmação de que as Escrituras foram produzidas por "homens santos de Deus, que falaram inspirados pelo Espírito Santo"?[6] Seria possível que o mesmo Espírito inspirasse a um para dizer que o vinho é bom e a outro para contrariá-lo em seguida?

Nem se poderia dizer que isto são problemas do Velho Testamento, e que vivemos agora sob a autoridade do Nôvo; porque o argumento, além de fraquíssimo, ficaria inteiramente prejudicado quando fizéssemos um ligeiro exame e verificássemos que também alí se encontram dessas aparentes contradições. Por exemplo: o apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo recomenda, a respeito das qualificações dos homens que fôssem chamados para posições de liderança na Igreja: "Convém pois que o bispo seja irrepreensível... não dado ao vinho..."[7] e logo em seguida, ao mesmo Timóteo aconselha: "Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago".[8] Seria esta uma espécie de receita médica não autorizada, ou estaríamos diante de uma contradição do grande apóstolo?

A tese da moderação parece firmar-se em outras palavras de Paulo ao mesmo Timóteo, indicando as qualificações dos diáconos; ocasião em que recomenda não sejam "dados a muito vinho"[9], conselho que repete às irmãs idosas da Igreja, na carta endereçada a Tito.[10]

Acredito que muita gente gostaria de ter uma entrevista pessoal com Paulo, para perguntar-lhe que negócio é êsse de bispos abstêmios e diáconos que podem beber com moderação.

Se compararmos então o Velho com o Novo Testamento, que conclusões tiraremos? Lá está registrado que é "bemaventuardo o homem que não se assenta na roda dos escarnecedores",[11] e o Rei Salomão afirma que onde se formar um grupo de pessoas em torno de copos de vinho, aí teremos uma autêntica "roda de escarnecedores", já que "o vinho é escarnecedor". Depois vem Paulo e recomenda aos bispos que não se assentem em tais rodas, aconselhando-lhes que não sejam "dados ao vinho" e quase sem tomar fôlego acrescenta a Timóteo que não deixe de frequentar aquelas mesmas mesas, porque, com moderação, ser-lhe-ia útil ao estômago, e que podia fazer-se acompanhar de diáconos e senhoras idosas, desde que não passassem do limite.

Positivamente alguém parece estar fazendo confusão, e a casa de Deus é uma casa de ordem. Não podendo admitir sequer a hipótese de que haja real contradição na Palavra de Deus, condenando aqui o que alí recomenda e vice-versa, vamos tentar em outro rumo encontrar a solução.

Problemas de tradução

De onde teria se originado a confusão a respeito do assunto? Parece-nos que a falha fundamental é de tradução.

No Antigo Testamento são usadas sete palavras diferentes[12] que, em português são traduzidas por "vinho". Daí podemos concluir que haveria pelo menos sete "vinhos" diferentes em Israel. Cinco dessas palavras aparecem raramente no texto sagrado, surgindo em um total de 18 referências apenas. As outras duas, entretanto, são bastante comuns. A primeira é "tiyrowsh", cujo significado é de suco ainda não fermentado de uvas, e aparece em 40 passagens, sendo algumas vêzes traduzida como "vinho" e outras como "mosto". A segunda é "yayin" (bebida alcoólica de uvas), que se repete em 134 referências.

O Novo Testamento chama de "oinon neon" à bebida que em hebraico se denomina "tiyrowsh", e o significado é exatamente o mesmo, ou seja, "vinho nôvo", suco não fermentado de uvas, "mosto". Ao vinho alcoólico o texto grego chama "oinon palaion", com significação idêntica ao do "yayin" dos israelitas.

Dois tipos de vinho

Com base nos costumes dos povos antigos, bem como na apreciação do texto sagrado, julgamos encontrar suficiente apoio para a afirmação da existência de duas qualidades diferentes de bebidas feitas à base de uvas, sendo uma o "vinho nôvo", "mosto", ou simplesmente "suco de uvas" como chamaríamos hoje; a outra seria a bebida fermentada e portanto alcoólica, a que as Escrituras chamam de "vinho velho".

Infelizmente, nem sempre é possível notarmos, na tradução feita para a nossa língua, a distinção entre uma e outra, em virtude de haverem muitas vêzes os tradutores chamado simplesmente de "vinho" a qualquer tipo de bebida feita de uvas.

Conhecendo-se os problemas existentes em relação aos chamados "textos originais", tanto gregos quanto hebraicos, e a maneira como são falhos em virtude do manuseio que vieram sofrendo através dos séculos, podemos inclusive suspeitar que, em muitas ocasiões, não representam a verdadeira expressão usada pelo escritor sacro, e sim a interpretação dada por copistas, de maneira que, nem mesmo a apreciação de um texto considerado "original" pode nos conferir a certeza de que, em todos os casos, foi usada a palavra adequada em relação ao tipo de "vinho" referido.

E as bebidas fortes?

Convém a esta altura fazermos menção da palavra hebraica "shekar", que costumeiramente é traduzida 'bebida forte". Esta palavra não se aplica de maneira particular às bebidas feitas de uva, mas refere-se a qualquer tipo de beberagem inebriante, e aparece nos livros sagrados sempre associada à idéia de embriaguês.

Resolvendo a aparente contradição

A compreensão da existência de duas qualidades diferentes de "vinho", sendo um alcoólico e outro não, esclarece o problema da discrepância verificada na Bíblia entre as recomendações e as proibições relativas ao uso do vinho, e encontra fundamento em fatos bíblicos bastante interessantes, e que de outra forma tornar-se-iam inteiramente inexplicáveis. Vejamos:

"Vinho nôvo" em odres velhos

Quando os discípulos de João interpelaram a Jesus quanto à conduta de seus seguidores, disse-lhes êle: "Não se deita vinho nôvo em odres velhos; aliás rompem-se os odres e entorna-se o vinho e os odres estragam-se; mas deita-se vinho nôvo em odres novos, e assim ambos se conservam."[13]

Poderíamos entender que, por se tratar de odres velhos, o problema estaria relacionado com a sua resistência, e sendo êles fracos pelo uso, deixariam escoar-se a bebida; mas não é isso que o Mestre dá a entender, porque, segundo a sua expressão, o prejuízo causado seria para ambos, o vinho que se derramaria e os odres que **se estragariam.** Ora, vale a pena pensarmos um pouco a respeito disto, porque se o problema estivesse na resistência dos odres, então tanto faria serem êles usados para vinho novo, quanto velho ou até mesmo água, a rutura seria nôvo, porque dependeria do pêso do líquido e não de sua qualidade. Por que teria então o Senhor usado tal comparação, afirmando que "vinho velho" em odres velhos conservaria a ambos, mas que o "nôvo" provocaria o rompimento dos odres e o entornamento da bebida, além da perda do vasilhame?

Se entendermos que o "vinho nôvo" a que se referia o Salvador era bebida não fermentada, compreenderemos o porquê de sua afirmativa de que êsse tipo de vinho, entrando em contato com os resquícios do vinho anteriormente depositado nos velhos odres, prontamente começaria a fermentar-se, provocando a rutura dos odres, vindo a perder-se tanto a bebida quanto os recipientes. Nada aconteceria, entretanto, se fôsse colocado vinho velho e já levedado nos odres antigos, porquanto estando já completo o processo de fermentação, nenhum dano seria causado ao conteúdo nem ao continente.

Conclui no próximo número

William J. Critchlow, Jr.

Assistente do Conselho dos Doze
1892 — 1968

O credo da vida do élder William J. Critchlow Jr., parece ter sido: "A felicidade é um sub-produto do servir".

Êle foi um homem feliz, e seu espírito de alegria de viver irradiou-se a todos os que o conheceram e sentiram sua influência. Possuia uma cintilação permanente, uma pronta palavra de encorajamento para amigos e desconhecidos, um sorriso acolhedor para todos.

Para o irmão Critchlow, a felicidade provinha de uma vida de plena dedicação aos princípios do Evangelho. Falando numa Conferência Geral, afirmou êle que os santos dos últimos dias "têm certas características em comum. Cordialidade é uma delas, humildade é outra e a hospitalidade de seus líderes é mais uma das que pude gozar liberalmente. Mas a característica mais importante, a mim me parece, é a felicidade. A fisionomia dêles literalmente irradia felicidade. É como se tivessem deixado todos os seus temores e problemas em casa. Vieram à conferência, indubitàvelmente para banquetear-se, espiritualmente, é claro, e parecem deitar-se em sua devoção.

"Êles devem ser felizes. Devem ser o povo mais feliz do mundo, porque observam as leis da felicidade estabelecidas por nosso Pai."

A fonte da felicidade serviço aos homens e a Deus — estava profundamente arraigada no irmão Critchlow. Durante tôda sua vida êle serviu aos outros; não lhe satisfazia apenas pertencer a uma organização: era um líder nato, e muitas posições de grande responsabilidade foram-lhe confiadas. Colocou o coração, a energia e o entusiasmo em tôdas as posições que ocupou: presidente do corpo discente no Weber State College, presidente da associação dos alunos, gerente de emprêsa, provedor de hospital, chefe escoteiro, líder do comitê da Câmara de Comércio, presidente do Lions Club, e muitos outros.

Seu primeiro amor, contudo, era a Igreja de Cristo, e também nela serviu bem e fielmente, dignificando tôdas as designações recebidas: como organista do Sacerdócio aos 12 anos, professor nos quoruns do Sacerdócio e nas Auxiliares, líder da AMM da ala e da estaca, superintendente da Escola Dominical da ala, sumo conselheiro da estaca, presidente da estaca e Autoridade Geral. Prestou sempre testemunho fervoroso, tanto a membros quanto a não membros, da divindade do Salvador, da veracidade do Livro de Mórmon e da missão divina do Profeta José Smith.

Em tôdas as suas ações e em suas relações com os Santos, o élder Critchlow sempre foi extremamente meticuloso quanto às coisas retas e próprias. Nunca exitava em chamar a atenção nas ocasiões em que achava que os Santos deviam ser corrigidos; fazia-o, entretanto, com mansidão e amor dando exemplo vivo do espírito do Sacerdócio que tinha tanto orgulho de possuir.

Orador inspirado e querido, o irmão Critchlow tinha um natural pendor para o dramático, e seus discursos eram ilustrados com histórias que, de maneira vigorosa e dramática davam vida aos princípios do Evangelho. Os mais jovens particularmente adoravam ouví-lo e era freqüente nas conferências de estaca verem-se os irrequietos meninos e desassocegados adolescentes sentarem-se atentos quando êle era chamado a falar.

Tanto quanto o Evangelho, a sua família ocupava o primeiro lugar em sua vida.

Sempre admoestava os portadores do Sacerdócio chamados para posições de liderança: "Sua primeira obrigação é para com sua família, e então para com sua chamada." Ao designar missionários, recomendava-lhes: "Escrevam freqüentemente a seus pais — pelo menos uma vez por semana — e digam-lhes o quanto os amam e apreciam".

O irmão Critchlow e espôsa viviam em cálida e amorosa relação que logo se tornava evidente aos Santos de todo o mundo, onde quer que ela o acompanhasse em suas inúmeras viagens, e ambos deleitavam-se com os sucessos dos dois filhos e da filha, bem como dos quinze netos.

Amava as crianças, tôdas as crianças, e tinha jeito especial para tratar com elas. Um dos maiores tributos que poderiam ter sido prestados a êsse grande homem foi durante seu funeral, quando 210 crianças da Primária da Estaca de Weber Heights, tôdas vestidas de branco, sentaram-se quieta e reverentemente durante um serviço fúnebre que durou 90 minutos e finalmente levantaram-se para cantar um dos seus hinos prediletos: "Sou um filho de Deus". À medida que suas vozes se espalhavam pelo tabernáculo suavemente, não se podia deixar de sentir que ali stava um testemunho das palavras proferidas em tributo dêle pelo Presidente N. Eldon Tanner: "Sua vida foi sua mensagem para o mundo".

MARCOS NA VIDA DO ÉLDER CRITCHLOW:

21 agôsto 1892 — Nasceu em Brigham City, Utah, filho de William J. Critchlow e Anna Gregerson Critchlow.

20 agôsto 1924 — Casou-se com Anna Maria Taylor no templo de Salt Lake.

7 dezembro 1941 — Apoiado como primeiro presidente da Estaca de South Ogden.

16 outubro 1958 — Designado Assistente do Conselho dos Doze.

29 agôsto 1968 — Faleceu em Ogden, Utah, aos 76 anos de idade.

Jovens Preparam-se para Nova CONFERÊNCIA

F. Máximo

Com a aproximação da época em que se realizará a II Conferência de Jovens da Missão Brasileira, estão sendo intensificados os preparativos para o concorrido certame. Embora o local não tenha ainda sido escolhido, efetivamente não será na Capital Paulista, mas em algum recanto pitoresco do interior, cogitando-se mesmo de realizá-la no Estado do Paraná. Aliás, foi enviada uma comissão à Ilha do Mel, na Baía de Paranaguá, justamente com o propósito de vistoriá-la como possível sede da Conferência.

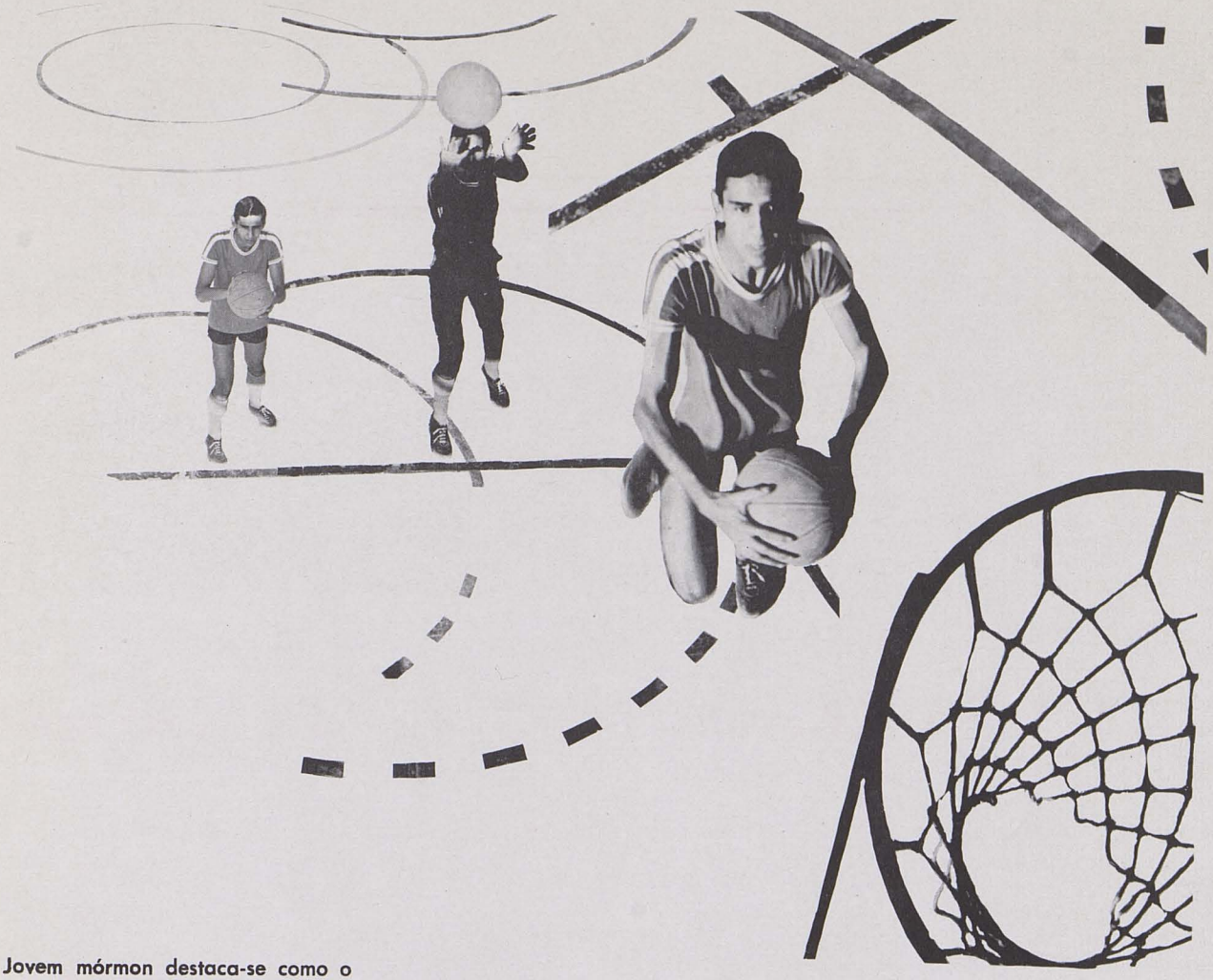
Deslocando dessa forma o local da realização, a Junta da AMM tem em vista o aprimoramento da qualidade e dos resultados dêsse importante acontecimento. A experiência colhida na Conferência anterior deverá corrigir várias falhas de organização e despreparo de pais e jovens para darem um apôio integral ao certame.

Um grande número de jovens, entusiastas e empreendedores, há tempo puseram mãos à obra em várias atividades lucrativas a fim de poderem arcar sòzinhos com as despesas de participação. Por outro lado, muitos pais que anteriormente não haviam avaliado bem a importância da participação dos seus filhos em certames dessa natureza, havendo por isso impedido o seu comparecimento, agora estão convencidos do valor de tal oportunidade, estando mesmo a encorajá-los em participar. Êstes dois fatôres por si só concorrerão para uma conferência muito mais concorrida do que a anterior.

Esta maior participação trará maiores recursos e apôio, o que implicará na elevação do nível da próxima Conferência. Não faltarão os costumeiros jantares, bailes, espetáculos, competições e excursões, mas desta vez o programa respirará movimentação, originalidade e imaginação, tornando-se muito mais eficaz não só em divertir mas também em elevar a juventude à um alto padrão de espiritualidade, sociabilidade, bom gôsto e refinamento.

A II Conferência de Jovens, a realizar-se em março de 1969 está entrando em rítmo de sucesso, e como gostam os jovens de dizer, será uma "Conferência prá frente!" Certifique-se de não perdê-la.

Nas fotos, aspectos da Conferência anterior, quando da visita ao Planetário de São Paulo e ao Instituto Vital Brasil, no Butantã.



Jovem mórmon destaca-se como o

Atleta do Ano

F. Máximo

Para o período 1967-68 da Associação Escola Graduada de São Paulo, pelo seu destacado desempenho e participação nas atividades esportivas escolares, o irmão Estevão Talmage Penteado de Camargo recebeu o certificado de honra anualmente conferido ao melhor atleta escolar.

A alegria que o acontecimento trouxe a familiares, irmãos e amigos não foi, entretanto, uma surprêsa. Sua capacidade de trabalho dedicado e de liderança, na Igreja e na Escola, sem dúvida o tornaria merecedor de vir a ter o seu nome inscrito na placa de bronze que ornamenta o ginásio de esportes do estabelecimento onde estudou. Membro fiel e dedicado, há pouco recebeu no Sacerdócio Aarônico o grau de Sacerdote, tendo levado a cabo em retidão os seus chamados anteriores. Participando com entusiasmo dos programas juvenís da Igreja, vem desde algum tempo integrando um conjunto de música jovem que muito tem contribuído para abrilhantar os bailes da AMM, e tem dedicado muito do seu tempo a ajudar na construção da quadra de esportes da sua ala.

Tendo terminado o curso secundário, teve seu pedido de ingresso à Universidade Brigham Young aceito, em conseqüência, seguiu viagem em setembro último com destino aos Estados Unidos, a fim de prosseguir seus estudos, vindo a interrompê-los apenas para poder dedicar dois anos da sua vida à pregação do Evangelho, missão para a qual vem fazendo sérios preparativos.

*

Richard L. Evans

A Palavra Proferida

Ocupando-se em Ouvir

Além da necessidade de procurarmos conselhos, o que em si é uma coisa tão importante para todos nós, existe ainda um outro aspecto que devemos considerar: dar a devida atenção ao que nos dizem, a fim de que possamos dar conselhos baseados num conhecimento suficiente dos fatos. "Ùltimamente tenho pensado bastante sôbre o 'escutar'. . .," disse Hannie Struve. "Quantas vêzes ouvimos uma criança queixar-se. . . 'você não está escutando!' E como é freqüente a mãe replicar, 'Mas o que é que você quer?' E comumente a criança na verdade não quer nada, apenas procura comunicar-se. . ." Dar atenção ao que nos dizem — as crianças, os jovens, o nosso próximo! Às vêzes mostram-se relutantes em procurar conselhos porque costumam receber respostas impacientes. "Por que nós, os pais, respondemos tão freqüentemente, 'Agora estou ocupado'?", pergunta um observador. "Por que ... não nos damos conta de que uma criança é como o raio de sol — neste instante aqui estava e no seguinte já se foi." Falar — escutar — paciência, estar disposto a aprender antes de saltar para conclusões apressadas. Às vêzes, sòmente pelo fato de poderem falar e nós escutarmos o que têm a nos dizer, já os fará encontrar as respostas, com simplicidade e segurança. Mas quando duas pessoas falam ao mesmo tempo, interrompendo-se mùtuamente, ou quando nem siquer chegam a conversar, então será difícil encontrar uma resposta. Sim, escutar toma tempo, mas também leva tempo corrigir os erros cometidos. "Senhor, torna-me um pai melhor," suplicava Gary Cleveland Myers, "Ensina-me a compreender meus filhos, a escutar pacientemente o que têm a me dizer e a responder bondosamente a tôdas as suas perguntas. Não permita que eu os interrompa, que responda àsperamente ou os contradiga. Faça-me tratá-los com a mesma cortesia com que desejaria que me tratassem." Com tanto julgamento injusto, tantos cometendo êrros e tão poucos reservando o tempo necessário para escutar, os conselhos não podem ser tão satisfatórios como deveriam ser. "A comunicação é a chave." disse alguém recentemente, "Você não vê que estou ocupado?' deveria ser banido (pelos pais). O conceito 'escutar' deveria ser implantado no coração de todos os pais." Se ao menos pudéssemos sentir quando somos ouvidos! Se ao menos escutássemos quando deveríamos escutar!

*

"A Palavra Proferida" da Praça do Templo
apresentada pela KSL e pela CBS em 28 de janeiro de 1968
Copyright 1968.